

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

LUIZ FERNANDO PEREIRA DE OLIVEIRA

**RONIWALTER JATOBÁ E A REMEMORAÇÃO DA
VIDA OPERÁRIA**

GOIÂNIA

2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação Tese Outro*: _____

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

2. Nome completo do autor

Luiz Fernando Pereira de Oliveira

3. Título do trabalho

RONIWALTER JATOBÁ E A REMEMORAÇÃO DA VIDA OPERÁRIA

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);

b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;

- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Luiz Fernando Pereira De Oliveira, Discente**, em 04/10/2023, às 15:26, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Nildo Silva Viana, Professor do Magistério Superior**, em 21/11/2023, às 12:34, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4098684** e o código CRC **5F3B5F4F**.

LUIZ FERNANDO PEREIRA DE OLIVEIRA

**RONIWALTER JATOBÁ E A REMEMORAÇÃO DA
VIDA OPERÁRIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em 2023, da Faculdade de Ciências Sociais, da Universidade Federal de Goiás (UFG) como requisito para obtenção do título de Mestre em Sociologia em 2023.

Área de Concentração: Sociedade, Política e Cultura.

Linha de Pesquisa: Trabalho, Formação e Representação Social.

Orientador: Prof. Dr. Nildo Silva Viana

GOIÂNIA

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Oliveira, Luiz Fernando Pereira de
Roniwalter Jatobá e a Rememoração da Vida Operária
[manuscrito] / Luiz Fernando Pereira de Oliveira. - 2023.
LXXIX, 79 f.

Orientador: Prof. Nildo Silva Viana.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás,
Faculdade de Ciências Sociais (FCS), Programa de Pós-Graduação em
Sociologia, Goiânia, 2023.
Bibliografia.

1. Roniwalter Jatobá. 2. , Sociologia. 3. Literatura. I. Viana, Nildo
Silva , orient. II. Título.

CDU 316



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata nº 08 da sessão de Defesa de Dissertação de Luiz Fernando Pereira de Oliveira, que confere o título de Mestre em Sociologia, na área de concentração em Sociedade, Política e Cultura.

Aos trinta dias de agosto de dois mil e vinte e três, a partir das quinze horas, na Sala de Defesas da Faculdade de Ciências Sociais, realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada “RONIWALTER JATOBÁ E A REMEMORAÇÃO DA VIDA OPERÁRIA”. Os trabalhos foram instalados pelo orientador, Professor Doutor Nildo Silva Viana (PPGS/UFG) e dos demais convidados da Banca Examinadora: Professor Doutor Renato Dias de Souza (UEG), convidado titular externo e Professor Doutor Edmilson Borges da Silva (UEG), convidado titular externo. Durante a arguição os membros da banca não fizeram sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão reservada a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido o candidato **aprovado** pelos seus membros. Proclamados os resultados pelo Professor Doutor Nildo Silva Viana, presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Nildo Silva Viana, Professor do Magistério Superior**, em 15/09/2023, às 07:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Edmilson Borges Da Silva, Usuário Externo**, em 15/09/2023, às 07:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Flavio Munhoz Sofiati, Coordenador de Pós-Graduação**, em 26/09/2023, às 14:34, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4044062** e o código CRC **3DD7C9BD**.

Referência: Processo nº 23070.042915/2023-69

SEI nº 4044062

LUIZ FERNANDO PEREIRA DE OLIVEIRA

RONIWALTER JATOBÁ E A REMEMORAÇÃO DA VIDA OPERÁRIA

Dissertação apresentada como pré-requisito à obtenção do título de Mestre em Sociologia junto ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Goiás.

Orientador: Prof. Dr. Nildo Silva Viana

Aprovado em ____/____/____

Prof. Dr. Nildo Viana (PPGS-UFG)
Presidente da Banca (Orientador)

Prof. Dr. Renato Dias de Souza (UEG)
Examinador

Dr. Edmilson Borges da Silva (UFG)
Examinador

Prof. Dra. Maria Angélica Peixoto (IFG)
Examinador externo (Suplente)

Prof. Dr. Flávio Munhoz Sofiatti (PPGS-UFG)
Examinador Interno (Suplente)

Dedico a todos os operários

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001, que me proporcionou tranquilidade e possibilidade de desenvolver a dissertação. Fica aqui meu agradecimento e gratidão.

Ao meu orientador, por ser muito compreensivo e por ter me auxiliado a expressar em palavras aquilo que eu apenas imaginava.

À minha esposa, por ter sido incrível e única de todas as maneiras possíveis. Sem você, eu não teria sido um décimo do que fui. Você me fez um marido melhor e amoroso. Meu amor não cabe nestas linhas.

À minha família, pelos momentos de ternura em meio a partida da minha avó. Sei que estão orgulhosos, assim como ela estaria com seu sorriso tão sincero e leve.

À minha mãe que tanto me inspira com sua honestidade e compromisso. Tenho alegria em perceber que temos muito em comum para além do amor, que é nutrido desde sempre.

Aos meus amigos Yuri, Leonardo e Lucas, que me deram alegrias, risadas e me aguentaram falando constantemente desta dissertação. Enfim eu a findi.

Aos meus amigos Raphael Carmona, Laurence de Paula, Leandro Ramos, Dênis Ferreira, Marcus Vinicius, Pedro Luã, Diogo Santiago e Eduardo Chaves, que me acompanham por tantos anos e ainda nutrem amor, carinho e cuidado – mesmo eu tendo dificuldades para nos reunirmos. Agora eu sinto que posso deixar isto mais fácil.

Ao meu amigo, quase um irmão, Felipe Andrade, pela cumplicidade, inteligência, auxílio e tantas outras qualidades, as quais prefiro falar pessoalmente.

Ao presidente do Santos, que formou times tão ruins em sua gestão que me gerou crises de ansiedade, medo, e preocupações. Com estas péssimas contribuições, a dissertação ficou mais difícil de ser feita.

Aos meus irmãos que carrego em meu peito e em minha mente. Eu os amo.

Ao meu pai, que gostaria de abraçar agora e deixar as marcas do passado de lado.

Aos leitores desta dissertação, pois, assim, a discussão não deixará de existir.

No fim, se esqueci de alguém, desculpas e perdões. São tantas pessoas, amigos, conhecidos etc. que a gente sempre acaba esquecendo. Se ainda cabe o perdão da desfeita, me convide para um chá, pois abraços e conversa não irão faltar.

*Já sofri o suficiente para não enganar
a ninguém: principalmente aos que sofrem na
própria vida, a garra
da opressão, e nem sabem.*

Thiago de Mello

RESUMO

A presente dissertação é fruto de uma pesquisa sobre Roniwalter Jatobá e a rememoração da vida operária. Ela consiste em um estudo sobre a memória, a condição operária e a universalização das questões acerca do trabalhador. O problema de pesquisa utilizado como ponto de partida da nossa investigação foi o seguinte: como Jatobá rememora a vida operária na periferia de São Paulo? Tal problema foi explorado a partir das relações entre as crônicas de Roniwalter Jatobá e as análises teóricas da vida operária, do trabalho alienado, e da cotidianidade proletária. Nesse sentido, o objetivo central deste trabalho foi identificar como Roniwalter Jatobá rememora a vida operária na periferia da cidade de São Paulo. Por sua vez, nossos objetivos específicos consistiram em compreender o processo de rememoração e a sua identificação em outras obras. Pretendeu-se, com este tema, conduzir uma análise sobre os trabalhadores migrantes na década de 70 e como estes se relacionavam com a cidade em meio à expansão e às oportunidades de trabalho existentes. Além das condições de vida e a rememoração destes eventos por parte dos trabalhadores. Todos esses elementos foram pautados a partir da produção teórica acerca do tema, da leitura da obra e da percepção histórica daquele determinado momento. Em relação à fundamentação teórica, a dissertação partiu de conceitos marxistas, em uma perspectiva crítica, advindos das visões de Nildo Viana, Terry Eagleton, Marx, Cardoso, dentre outros. Já a base metodológica consistiu na leitura da obra de Roniwalter Jatobá e no levantamento bibliográfico utilizado para compreendê-la. Além da utilização de outras obras que direcionassem uma resposta frente ao problema. Por fim, a dissertação obteve como principal resultado a constatação do impacto de Jatobá na inauguração de uma literatura proletária. Além da importância do autor para analisar e compreender a classe operária da década de 1970.

Palavras-chave: Memória; Sociedade; Literatura; Jatobá

ABSTRACT

This thesis is the result of a research on Roniwalter Jatobá and the remembrance of working-class life. It consists of a study on memory, the working-class condition, and the universalization of issues related to labor. The research problem used as the starting point for our investigation was “how does Jatobá remember working-class life in the outskirts of São Paulo?”. This problem was explored through the relationships between Roniwalter Jatobá’s chronicles and theoretical analyses of working-class life, alienated labor, and proletarian everyday life. In this sense, the central objective of this work was to identify how Roniwalter Jatobá remembers working-class life in the outskirts of the city of São Paulo. Our specific objectives were to understand the process of remembrance and its identification in other works. With this theme, we aimed to conduct an analysis of migrant workers in the 1970s and how they related to the city amidst its expansion and emerging job opportunities. This also included the living conditions and remembrance of these events by the workers. All these elements were based on theoretical production on the subject, the reading of the work, and the historical perception of that moment. Regarding the theoretical foundation, the thesis relied on Marxist concepts from a critical perspective, drawing from the views of Nildo Viana, Terry Eagleton, Marx, Cardoso, among others. The methodological basis consisted of reading Roniwalter Jatobá’s work and the bibliographical research used to understand it, as well as the use of other works that directed an answer to the problem. Finally, the dissertation’s main result was the realization of the impact of Jatobá in inaugurating proletarian literature. It also highlighted the author's importance in analyzing and understanding the working class of the 1970s.

Keywords: Memory; Society; Literature; Jatobá

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 LITERATURA, MEMÓRIA E TRABALHO	11
2.1 Literatura e sociedade.....	11
2.2 Trabalho e alienação	16
2.3 Memória e rememoração	19
3 RONIWALTER JATOBÁ: VIDA E OBRA	24
3.1 O contexto histórico e social de Jatobá.....	24
3.1.1 A formação da classe trabalhadora no Brasil.....	24
3.1.2 O contexto da sociedade brasileira	28
3.1.3 Brás, Bexiga e Barra Funda.....	32
3.2 Breve biografia de Roniwalter Jatobá.....	37
3.3 A obra de Roniwalter Jatobá.....	40
3.4 A recepção da obra de Jatobá.....	45
4 A REMEMORAÇÃO DA VIDA OPERÁRIA POR JATOBÁ	48
4.1 Rememoração ou testemunho?.....	48
4.2 O pioneirismo de Roniwalter Jatobá.....	51
4.3 A rememoração do trabalho em Crônicas da Vida Operária	53
4.3.1 A surdez dos dedos	55
4.3.2 Em meio ao frio, em meio ao calor.....	57
4.3.3 Em tons de vermelho	58
4.3.4 Trabalhadores, sofridos	60
4.3.5 Ao cego, as batatas	63
4.3.6 Caminhos felizes.....	65
4.3.7 Tantas rotas	67
4.4 A vida operária como ela é.....	69
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
REFERÊNCIAS	75

1 INTRODUÇÃO

A presente dissertação tem como tema a rememoração da vida operária presente em *Crônicas da Vida Operária*, de Roniwalter Jatobá. Sem lembrar o passado, o presente fica vazio e o futuro mais incerto, daí a importância da rememoração na sociedade e na vida privada. As lições deste passado não podem ser aprendidas se forem esquecidas. Assim, a rememoração de Jatobá abre espaço para a nossa análise, e sua divulgação e análise contribuem para que ela possua maior alcance social.

Nesse contexto, o problema de pesquisa que levantamos é o seguinte: como Jatobá rememora a vida operária na periferia de São Paulo? Derivado disso, nos demandamos o que essa rememoração, localizada espacialmente na periferia de uma grande metrópole, tem de “universal”. Ou seja, quais elementos em sua rememoração podem ser considerados como algo recorrente e característico da vida operária em outros lugares (cidades, estados, países).

Para descobrir esse elemento universal, foi fundamental comparar os contos de Roniwalter Jatobá com as análises teóricas da vida operária, do trabalho alienado, e da cotidianidade proletária.

Desse modo, o objetivo central do presente trabalho foi identificar como Roniwalter Jatobá rememorou a vida operária na periferia da cidade de São Paulo. Por sua vez, os objetivos específicos foram analisar o que pode ser considerado universal em sua obra no que se refere ao processo de trabalho proletário; analisar os contos e o que elas manifestam; compreender a forma de rememoração de Jatobá; e, por fim, identificar se existe alguma cronologia ou concepção de tempo na referida obra.

Considerando tais elementos, este trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro, apresentamos nossa base teórica. Assim, a partir de reflexões sobre sociologia da literatura, trabalho, alienação, memória e rememoração, traçamos um panorama teórico geral e apresentamos os conceitos básicos que serão importantes no momento analítico do terceiro capítulo.

Por sua vez, no segundo capítulo, apresentamos uma contextualização. Ela tem como objetivo compreender a produção intelectual de Roniwalter Jatobá, apresentando aspectos da sociedade brasileira, e, principalmente, o processo do trabalho nesse contexto. Ao lado disso, descrevemos elementos da biografia e da obra de Roniwalter Jatobá, colocando-o em contexto e em sua evolução biográfica. Ademais, acrescentamos elementos sobre a recepção de sua obra.

Já no terceiro capítulo, tratamos da obra *Crônicas da Vida Operária*. Nós contextualizamos, analisamos e apresentamos as suas conclusões e desdobramentos até os dias atuais.

Por fim, reforçamos que estudar a obra de Roniwalter Jatobá a partir desta abordagem significa a rememoração da história do operariado, isto é, da classe que gera riquezas que sustentam a sociedade atual. Uma classe que produz bens materiais, inclusive livros, os quais permitiram que este cronista resgatasse o que muitos esqueceram.

2 LITERATURA, MEMÓRIA E TRABALHO

No presente capítulo vamos apresentar o nosso referencial teórico. A obra de Roniwalter Jatobá é rica em referências, expressão de problemáticas laborais e sociais, sob uma forma específica, de acordo com a formação e estilo do autor. Para compreendê-la, é preciso refletir sobre literatura e sua relação com a sociedade. Além disso, torna-se importante discutir a questão da memória e da rememoração, já que a obra de Jatobá é um exercício mnemônico que transforma as lembranças individuais em lembranças sociais. Nesse aspecto, não custa recordar que “a memória é um lugar de luta” (Viana, 2020, p. 19).

O título da obra revela que ela é composta por “crônicas da vida operária”. Nesse âmbito, é preciso considerar que a vida operária é, fundamentalmente, trabalho, alienação. Por esse motivo, também abordamos tais conceitos no presente capítulo. Eles serão retomados na última parte da dissertação, quando analisarmos o autor.

2.1 Literatura e sociedade

Em seu livro *Notas de Literatura I*, Theodor Adorno realiza um estudo sobre a sociedade e a literatura. Mais precisamente, a produção do lírico na sociedade. Mesmo focado na construção do eu-lírico e na poesia, ele contribui para refletirmos sobre a inseparabilidade entre autor e sociedade, como vemos na seguinte passagem:

Não se trata de deduzir a lírica da sociedade; seu teor social é justamente o espontâneo, aquilo que não é simples consequência das relações vigentes em dado momento. [...] Ora, isso quer dizer que também a resistência contra a pressão social não é nada de absolutamente individual; nessa resistência agem artisticamente, através do indivíduo e de espontaneidade, as forças objetivas que impelem para além de situação social limitada e limitante, na direção de uma situação social digna do homem; forças, portanto que fazem parte de uma constituição do todo, não meramente da individualidade inflexível, que se opõe cegamente à sociedade (Adorno, 2012, p. 73).

O autor apresenta as forças objetivas atuantes na produção da obra e como esta busca, por meio da criatividade, ir além das condições sociais existentes que se impõe com o qual, segundo o autor, apontam para uma constituição digna e partícipe do todo, portanto, além das condições meramente individuais. Por meio da ficção, ou liberdade, o autor pode permear construtivamente inúmeros pontos, assuntos e ensejos sem o pesar da tinta. Contudo, ao colocar a sociedade em seus textos, livros, romances, poemas etc., o escritor nos revela uma

estrutura que pode ser abordada e trabalhada. Nesse escopo, György Lukács aborda os aspectos de formação da arte considerando questões humanas e históricas, como em *Introdução a uma Estética Marxista*. Evidentemente, o autor percebe os limites destes por meio da variabilidade infinita da sociedade e o limite delimitado pelo viés literário. Contudo, vale ressaltar a citação de Lukács, que afirma:

As propriedades humanas típicas conservadas pelo próprio desenvolvimento histórico serão, por isso, muito mais numerosas do que as mantidas vivas nas representações artísticas. A durabilidade dos tipos criados pela arte, portanto, tem uma base objetiva na própria realidade, mas a possibilidade de que os tipos figurados nasçam e durem decorre de sua própria atividade (Lukács, 1978, p. 288).

Em suma, o filósofo húngaro discorre e argumenta sobre a existência de uma produção artística que se desenrola ao longo da história. Sendo que esta produção pode ganhar mais ou menos importância a depender do contexto histórico. Tal percepção se confirma com Viana (2020), que analisa a produção literária por meio dos regimes de acumulação. Ele identifica a formação das vanguardas europeias num determinado período histórico, com a constituição da produção literária no século XX, como o movimento moderno nas artes.

As estas modificações, alguns autores buscaram teorizar acerca da relação entre a produção literária e a sociedade. Utilizamos aqui Lucien Goldmann que diz,

Com efeito, o universo do romance clássico tem uma estrutura relativamente homóloga à que regeu o universo da vida cotidiana dos homens no setor econômico onde ele é, também, tematicamente dominado pelo único valor evidente e universal da economia liberal: a autonomia do indivíduo e o seu desenvolvimento. Porém, a partir desta base comum, a evolução da obra e da sociedade é feita em direções divergentes, e a obra se torna não a expressão do grupo social, mas a de uma resistência a este grupo ou, pelo menos, da não aceitação deste (Goldmann, 1972, p. 68).

As estruturas homólogas, portanto, são apresentadas como uma estrutura homóloga da vida cotidiana e que se apresenta na escrita. O autor vive as relações inseridas pela constituição desta sociedade como a autonomia individual e a economia liberal, porém o Goldmann evidencia que esta produção é feita em divergências e expressa colocações opostas ou resistentes ao grupo social vigente.

O autor percebe as distinções que emergem no processo literário, porém ocorre que a literatura não é somente a criação ou imitação da sociedade. A produção literária que é alocada, em grande, a um processo individual pode apresentar valores e concepções que

venham fugir dos valores e divulgações que sejam as dominantes. Como apresenta Adorno que afirma,

As forças objetivas que impelem para além de uma situação social limitada e limitante, na direção de uma situação social digna do homem; forças, portanto, que fazem parte de uma constituição do todo, não meramente da individualidade inflexível, que se opõe cegamente à sociedade. Se, em virtude de sua própria subjetividade, pode-se falar do teor lírico como sendo objetivo – caso contrário não seria possível explicar o simples fato que fundamenta a possibilidade da lírica como gênero artístico; seu efeito sobre outros que não o poeta em monólogo consigo –, isso só ocorre se a obra de arte lírica, ao retrair-se e recolher-se em si mesma, em seu distanciamento da superfície social, for motivada socialmente, por sobre a cabeça do autor (Adorno, 2012, p. 74).

A colocação de Adorno apresenta a capacidade das ideias circularem em nossa sociedade. Assim, enquanto ideias não estáticas, elas e as pessoas andam por vários pontos e absorvem inúmeras ideias, conceitos, olhares e situações que as marcam social e sensivelmente. A sensibilidade está compreendida quando se aponta a formação do processo da superestrutura que compõe a sociedade. Neste caso, a escola como formador no que tange o desenvolvimento cognitivo dentro do capitalismo. O autor passa a conviver com inúmeras formas e conteúdos que perpassam pela sua visão. Esta visão é desajeitada, perdida, desconfiada e alheia ao sedutor discurso promovido pela sociedade. Por outro lado, esse não encaixe pode promover um sofrimento pela sedução discursiva promovida pela sociabilidade burguesa e encontra na expressão das palavras um alívio para tamanha dor.

Enfim, esse apanhado de autores que estudaram sociologicamente a questão da literatura aponta para a complexidade do problema literário. Nesse escopo, dando continuidade a essa discussão, e considerando nossos objetivos, é fundamental definir o que é literatura. A partir disso, vamos também esboçar, rapidamente, a relação entre literatura e sociedade. Por fim, realizaremos observações sobre como a sociedade produz a literatura e como esta reproduz aquela.

A literatura passa por modificações ao longo do tempo, com o avanço da necessidade em produzi-la, teorias e críticas passaram a se debruçar sobre o papel desta e como esta insere na relação entre os interesses do autor e as críticas inseridas por este. Esse processo é descrito da seguinte maneira:

Eagleton [...] defende que essa visão de literatura dos românticos tem relação com uma visão de tentativa de fuga política da realidade, em que há uma valorização extrema do artista, justificando a ideia do artista como um

“gênio” e da arte como algo “sublime”. Assim, desenvolveu-se ainda mais uma concepção de literatura como uma maneira de distinção social. Isso ocorre, pois, de acordo com Sartre [...], a partir da consolidação da burguesia no poder, após as suas revoluções, a classe intelectual, especialmente os literatos, criaram um mito no qual eles são apartados da sociedade, como pessoas solitárias que, subjetivamente, criam de suas mentes o belo. O filósofo francês critica esses intelectuais, demonstrando como eles, por mais que se reivindicuem apartados da sociedade, neutros, contribuem para a perpetuação da classe burguesa. Ou seja, no XIX a literatura ganha uma autonomia, mas que é enganosa em seu sentido absoluto. Isso porque ela não está isenta de determinados valores; ou seja, não está fora da sociedade. Os escritores criam uma imagem de neutralidade, ou de indiferença com a realidade, como se as classes sociais inexistissem – mas, no fundo eles correspondem aos interesses burgueses. E, dessa maneira, é criada a imagem da arte como se ela fosse sublime [...] (Ferreira, 2019, p. 35).

A arte passa a ser sublime, inatingível, feita por autores que estão acima da condição humana e podem transitar, com sua capacidade impressionante, a perfeição da obra literária. Porém, a literatura não é somente a arte sublime. Pode ser, também, a “expressão figurativa da realidade”. Em suas palavras,

Assim, se retomarmos a definição de arte já exposta, podemos dizer que a literatura é uma expressão figurativa da realidade por meio da escrita. Slaughter [...] e Sartre [...] colocam que as diferentes formas artísticas se utilizam de diferentes “materiais”. Consideramos que a palavra “material” dá um sentido “objetificado” à afirmação, como se estivesse dissociado das relações sociais. Por isso, podemos falar que as diferentes formas artísticas se utilizam de diferentes meios de linguagem, que são expressões da consciência dos seres humanos, formadores e envolvidos pelas relações sociais. No caso da literatura, há a utilização da linguagem escrita. Mas se trata de uma escrita específica, já que é uma expressão figurativa da realidade (Ferreira, 2019, p. 54).

A especificidade da literatura consiste no fato de ela ser uma escrita não pragmática, mantendo uma unidade entre forma e conteúdo (Ferreira, 2019). Essa definição é suficiente para passarmos para o tópico seguinte, ou seja, a relação entre literatura e sociedade.

A literatura, em termos marxistas, é parte da superestrutura. Não é um “reflexo da realidade” – nem na versão leninista da sua “teoria do conhecimento”, nem na sua adaptação lukacsiana, no sentido de a arte ser reflexo do mundo social. Na verdade, ela é uma produção social e histórica, vinculada às relações sociais existentes e ao modo de produção dominante. Ou seja, nesse caso, ao capitalismo e às suas determinações sobre as produções culturais, jurídicas e políticas.

A produção literária, nesse sentido, é uma forma de expressão da realidade social, tal como aponta Marx (1983) a respeito da cultura em geral. Porém, ela é determinada, reproduz o existente, mas não o faz automática e mecanicamente. Isso porque o modo de produção capitalista é palco da luta de classes e de diversas contradições que também se reproduzirão nessa manifestação artística.

Assim, a divisão de classes oriunda do modo de produção capitalista se manifesta nas produções literárias, a começar pelo surgimento da figura do especialista que é o literato. Este, por sua vez, estará envolvido na mercantilização da sociedade, o que permite Marx concluir que o capitalismo é contrário à arte (Marx; Engels, 1982).

Dessa forma, ela irá exprimir o que o responsável por sua realização sabe, pensa, sente, valora, sendo uma expressão específica e individual. Assim, a produção literária é realizada por indivíduos diferentes, que podem pertencer a ou expressar classes sociais diferentes¹. Além disso, é preciso considerar que tais indivíduos possuem um processo histórico de vida, diferenciando-se entre si, mesmo quando expressam a perspectiva burguesa, proletária, intelectual, etc. (Viana, 2007).

A sociedade capitalista torna possível o surgimento dos literatos e de uma forma de arte específica, a literatura. Ela fornece, além disso, o material que será trabalhado ficcionalmente pelas obras literárias. Mas essa mesma sociedade gera as ideias e valores dominantes, assim como o público leitor com sua especificidade, o capital editorial, etc. Porém, a insatisfação de um artista pode, por sua posição social e dificuldades financeiras², gerar uma reprodução diferenciada, com elementos de criticidade. Ademais, aqueles que supervaloram a literatura, poderão opô-la aos valores burgueses do dinheiro e da riqueza. Isso gera uma forma de produção literária diferente e com elementos de crítica social.

As ideologias, as correntes de opinião e as posições políticas também vão interferir na forma como se produz literatura e nos conteúdos das obras literárias. Com isso, podem surgir obras apologéticas ou críticas, sejam moralistas, pessimistas ou mesmo revolucionárias. Alguns indivíduos, devido à origem de classe, ao processo histórico de vida específico, ou mesmo por influência do marxismo, podem elaborar obras com alto grau de criticidade, ao buscar se vincular à perspectiva do proletariado. Nesse caso, podemos citar como exemplo Lima Barreto (Souza, 2017).

¹ É importante apontar que o literato profissional é componente da classe intelectual, mas os amadores, diletantes e outros, podem produzir obras literárias sem ser especialistas da produção de literatura.

² Vale apontar que os literatos bem-sucedidos e vinculados ao capital editorial (ou outros setores do capital) não possuem tais dificuldades. Mas, os iniciantes e os marginalizados, sim.

Assim, não é difícil perceber que a literatura reproduz a sociedade burguesa e o faz, predominantemente, de forma afirmativa. Mas, devido às contradições sociais e às lutas de classes, também o faz de forma negativa, crítica.

2.2 Trabalho e alienação

Roniwalter Jatobá trata da vida operária. Nela, o trabalho ocupa um papel fundamental. Não apenas pela relação de trabalho e tudo o que isso envolve, mas também pelo motivo de que é o trabalho que determina vários outros elementos de sua vida. A jornada determina o tempo livre restante, o salário determina a capacidade de consumo, e assim por diante. Portanto, para estudar como Jatobá aborda o trabalho, é importante entender como este se manifesta na sociedade moderna. E, mais ainda, como este é alienado, o que traz o dilema da mortificação da classe operária. É por isso que esse tópico sobre trabalho e alienação se justifica.

O trabalho na sociedade capitalista, como desenvolve Marx, não tem a pretensão de realizar o trabalhador. Na verdade, ele é apenas um meio para satisfazer outras necessidades. O indivíduo é obrigado a trabalhar para ter acesso a valores de uso referente à órbita do trabalho (alimentar-se, vestir, morar etc.). O trabalhador, ao efetivar o trabalho assalariado, não se realiza, mas se nega. Ele não desenvolve suas potencialidades, mas as reprime.

A origem da alienação, seus mecanismos e efeitos, fora bem descrito por Nildo Viana num artigo sobre a alienação e a relação social:

A alienação surge com a ascensão da sociedade de classes. As sociedades divididas em classes sociais são fundamentadas no trabalho alienado. Isto ocorre porque a atividade vital consciente, a práxis ou o trabalho como objetivação, perde seu caráter teleológico consciente e passa a ser apenas um meio para a satisfação de outras necessidades (Viana, 2012, p. 27).

Marx desenvolve o conceito de alienação nos Manuscritos Econômico-Filosóficos, obra na qual o autor demarca a constituição da alienação com a exploração, a dominação, o controle, e não como a autorrealização do indivíduo. Ele se refere do seguinte modo ao trabalho alienado:

No mundo real da prática, essa autoalienação só pode ser expressa na relação real, prática, do homem com seus semelhantes. O meio através do qual a alienação ocorre é, por si mesmo, um meio prático. Graças ao trabalho alienado, por conseguinte, o homem não só produz sua relação com o objeto

e o processo da produção como com homens estranhos e hostis, também produz a relação de outros homens com a produção e o produto dele, e a relação entre ele próprio e os demais homens. Tal como ele cria sua própria produção como uma perversão, uma punição, e seu próprio produto como uma perda, como um produto que não lhe pertence, assim também cria a dominação do não-produtor sobre a produção e os produtos desta. Ao alienar sua própria atividade, ele outorga ao estranho uma atividade que não é dele (Marx, 1983, p. 99).

Para Nildo Viana (2012), a alienação está relacionada aos traços que qualificam e fundamentam a sociedade de classes e exprime um processo de controle no ato da produção. Considera-se que a sociedade capitalista produz uma divisão do trabalho distinta das outras, além de uma separação entre as atividades intelectual e manual.

O trabalhador nega-se a si mesmo no trabalho alienado. Só lhe resta a exaustão, o sofrimento, a dor. A alienação é a negação da essência humana, da espécie humana. Se a natureza humana se manifesta através do trabalho que possui um caráter teleológico consciente, então o trabalho alienado nega a natureza humana, pois impede tal manifestação. Ao negar a natureza humana, a alienação também nega a natureza em geral, pois o ser humano é parte da natureza. Nega, também, a espécie humana, pois a natureza humana está presente em todos os indivíduos da espécie e negar justamente a essência dos seres humanos significa negar a espécie humana como um todo. A negação da essência humana significa negar a sociabilidade autêntica no processo do trabalho. O ser humano é um ser ativo e teleológico, mas social, realiza o trabalho através da cooperação e se realiza através da associação com os outros seres humanos [...]. A alienação do trabalho perverte o ser humano e ao fazê-lo perverte a relação social dos indivíduos associados pela cooperação. Uma sociedade fundamentada na alienação é uma sociedade repressiva e coercitiva. Ela não corresponde à natureza humana e por isso existe a utopia, o projeto de uma sociedade que corresponda à natureza humana. Uma sociedade que vive sob o signo da alienação é uma sociedade desumana (Viana, 2012, p. 30).

O trabalho é um fenômeno recorrente na sociedade capitalista, seja no ato de sua realização, execução ou depredação. Este conceito foi enriquecido por inúmeros estudiosos dedicados à temática, como, por exemplo, István Mészáros, em *A Teoria da Alienação em Marx*. Neste livro, o conceito marxista de trabalho no século XX é discutido e atualizado. O autor coloca as condições referentes ao conceito de Marx do seguinte modo:

A primeira dessas características do “trabalho alienado” expressa relação do trabalhador com o produto do seu trabalho [...] A segunda, por sua vez, é a expressão relação de trabalho com o ato de produção no interior do processo de trabalho, isto é, a relação do trabalhador com a sua própria atividade como atividade alheia que não lhe oferece satisfação [...]. O terceiro aspecto — a alienação do homem com relação ao seu ser genérico — está relacionada com a concepção segundo a qual o objeto do trabalho é a

objetivação da vida e da espécie humana, pois o homem “se duplica não apenas na consciência, intelectual[mente], mas operativa, efetiva[mente], contemplando-se, por isso, a si mesmo num mundo criado por ele” [...] (Mészáros, 2006, p. 20).

É preciso partir do princípio de que o trabalho assalariado é a forma moderna de trabalho alienado. E este consiste num processo de controle, heterogestão do processo de trabalho, permitindo a exploração do proletário. A exploração especificamente capitalista é a extração de mais-valor (Marx, 1988). Tal forma de exploração exige o controle do processo e do tempo de trabalho. Por isso, a jornada de trabalho é fundamental, assim como o bom aproveitamento do tempo. É dessa relação que o lucro emerge, consistindo, portanto, em um elemento fundamental para o capitalista. Para o proletariado, é o meio de satisfazer suas outras necessidades, tendo em vista que tudo é transformado em mercadoria no capitalismo. Nesse sentido, o dinheiro, sob a forma de salário, torna-se necessário para poder adquirir os seus meios de sobrevivência e de sua família.

Contudo, o trabalho alienado não é a única forma de trabalho. Existe também o trabalho como práxis, atividade teleológica consciente, o que Marx (1983) também denomina como “objetivação”. Tal forma é expressão da natureza humana, pervertida com a emergência da sociedade de classes. No capitalismo, o trabalho como práxis é marginalizado, manifestando-se em momentos fora do trabalho assalariado ou, em certas profissões, como momentos no seu interior.

O trabalho dos operários é um trabalho alienado. A alienação significa, nesse contexto, que o trabalhador não se realiza, não desenvolve suas potencialidades, ao produzir mercadorias. Ele se nega e se mortifica. Todavia, tal trabalho é realizado sob formas distintas com o desenvolvimento histórico. O capital gera várias formas de controle, presentes desde o taylorismo, passando pelo fordismo, até chegar ao toyotismo, entre outras formas de organização do trabalho.

Esse processo é importante para entender como a alienação, ou melhor, o trabalho alienado, é um elemento fundamental da sociedade capitalista e da vida operária. Enfim, esta última, no fundo, é uma vida alienada, pois a alienação do trabalho se estende para toda a sua vida. Afinal, o trabalhador assalariado não possui controle sobre seu trabalho. Ele é controlado por outro. Derivado disso, não controla o seu transporte até o trabalho, não controla as atividades civis e políticas, etc. Em outras palavras, ele é controlado, obrigado a se submeter ao transporte coletivo, ao voto, a quase tudo.

2.3 Memória e rememoração

Considerando o que acabamos de discutir, a vida operária abordada nas *Crônicas* de Roniwalter Jatobá é, portanto, uma vida alienada. Mas ela não é um fato atual, é um acontecimento passado. Embora essa vida vivida no passado seja ainda o presente de milhões de trabalhadores, nas *Crônicas*, ela aparece como o que já passou. É rememoração. Tal rememoração é fundamental para historiadores (ao reconstituir o passado da humanidade); sociólogos (ao analisar as relações sociais); e todos os demais pesquisadores e estudiosos da literatura.

Assim, compreender o fenômeno complexo que é a memória e o processo de rememoração é essencial. Nesse contexto, algumas questões emergem, tais como: o que é a memória? Como se realiza a rememoração? Revela-se importante, por conseguinte, definir o conceito de memória e conceitos correlatos. Sobre isso, Viana (2020, p. 28-29) aponta que

Consideramos que a memória é o conjunto de lembranças que guardamos em nossa mente, sendo uma espécie de consciência latente. Algumas dessas lembranças são recordadas e outras não, mas todas fazem parte da nossa memória. É um elemento de nossa mente, uma consciência, que, no entanto, é latente, ou seja, está adormecida. Ela está gravada, existe na nossa mente, mas não se manifesta, a não ser quando é recobrada por nossa consciência ativa. E ser latente significa que é uma possibilidade suscetível de se realizar, uma potencialidade existente. A memória, consciência latente, é recordada, restituída e interpretada (e reinterpretada) pela consciência ativa, concreta. Desta forma, podemos dizer que na mente humana só existe o presente, só que em estado latente ou manifesto, inativo ou ativo. *A realidade passada é uma coisa, a consciência presente da realidade passada é outra coisa.* A memória é uma consciência latente que possui como conteúdo o conjunto das lembranças e a ativação dela significa evocação de lembranças. Na mente humana existe um conjunto de lembranças guardadas, formando uma consciência latente, e somente através de sua ativação é que se tornam recordações, o que significa que muitas delas não emergem e que o processo de recordação é seletivo. Neste sentido, se torna inteligível a ideia de que a memória é seletiva [...] desde que se perceba que é o processo de recordação ou evocação de lembranças é que é seletivo e não a memória em si. Esse processo, no entanto, é realizado pela mente, especialmente a consciência ativa, que atua sobre a consciência latente e faz isso sob forma seletiva.

Nesse caso, o autor apresenta o conceito de memória como o conjunto de lembranças existentes na mente humana e que são uma consciência latente que pode ser ou não evocada. A evocação de lembranças é o processo individual de recordar. Enquanto fenômeno coletivo, é rememoração. Assim, torna-se importante entender a diferenciação entre memória individual, e memória coletiva e social.

Para Little (1994), a memória coletiva é uma forma, sendo uma das mais importantes, “pelas quais os povos se localizam num espaço geográfico”(Little, 1994, p.6). A memória coletiva seria, segundo este autor, uma forma sob a qual os indivíduos se sentem compreendidos em um determinado espaço ou localidade.

Sem dúvida, essa concepção retoma as considerações sobre memória abordadas pelo sociólogo durkheimiano Maurice Halbwachs. Embora ele trate de algumas contribuições para o entendimento da memória coletiva, o seu vínculo com o paradigma positivista e com o durkheimianismo geram diversos limites³.

Viana (2020) aponta outro elemento para entender a memória individual: as “marcas da memória” (ou “traços de memória”), retomando o psicólogo Koffka. A memória é seletiva, sendo que a mentalidade, e, mais especificamente, a personalidade⁴, é sua determinação fundamental. Ela seleciona a partir dos valores, sentimentos e interesses fundamentais do indivíduo que recorda o passado. Nas palavras de Viana (2020),

Essas marcas da memória podem ser explicadas pelo fenômeno da orientação memorial. A mentalidade gera uma orientação memorial, ou seja, determina quais lembranças devem ser recordadas mais constantemente e quais são mais relevantes. Ao mesmo tempo, ela gera inibição memorial, ou seja, relega ao esquecimento ou dificulta sua emergência na consciência. As outras determinações, oriundas da personalidade concreta de cada indivíduo, remete para o problema da mente em geral, o que requer estudo psicanalítico. Isso explica, retirando os casos de origem física (acidente que atinge o cérebro, pouco desenvolvimento cerebral ou envelhecimento), a facilidade e tendência para recordar certas coisas e dificuldade para recordar e tendência para esquecer outras.

Assim, o fenômeno da memória é complexo e vinculado a várias questões. O entendimento da memória individual, por sua vez, é fundamental para entender a memória coletiva e a memória social⁵. Aqui, nos interessa, por se tratar da vida operária, a memória coletiva. Esta última seria a memória “[...] de coletividades (setores da sociedade como classes, grupos, etc.) e sobre elas” (Viana, 2020, p. 100).

É importante entender que a memória individual, quando exteriorizada, torna-se social/coletiva. Da mesma forma, a memória social e a memória coletiva, que são exteriorizações de lembranças acessíveis socialmente, são interiorizadas, parcialmente, pelos indivíduos. Uma parte da memória social se impõe aos indivíduos, classes, grupos. Essa

³ A respeito das contribuições e limites desse autor, cf. Viana (2020).

⁴ A forma individual de manifestação da mentalidade.

⁵ Viana distingue a memória coletiva, que é de grupos, classes, etc., da memória social, que é a geral da sociedade.

imposição revela a questão da dominação. Por isso, é importante entender, mesmo que parcial e sinteticamente, a relação entre memória individual e memória social, tal como elaborado na passagem a seguir:

O processo de seleção na evocação de lembranças na memória individual é via *recordação* e na memória social é através da *rememoração*. Um indivíduo só pode recordar aquilo que ele viveu. Isso significa dizer, simultaneamente, que um indivíduo não pode “recordar” o que não viveu. Isaías Caminha, personagem de Lima Barreto, sabia qual era a sua motivação para ir trabalhar na capital (ele viveu isso e podia recordar sua motivação), mas certamente não sabia que a sociabilidade capitalista pode transformar um indivíduo no seu oposto com sua inserção nas relações sociais da sociedade moderna (ele viveu isso, mas não tinha consciência disso, e, por conseguinte, poderia recordar os acontecimentos, mas não o seu significado). Isaías Caminha exterioriza parte de sua memória individual ao escrever suas “recordações” [...]. A exteriorização tem o objetivo de fixação de suas recordações para si mesmo, tal como se vê nos diários, ou para outros, tal como nas autobiografias. A exteriorização pessoal se torna social, ao se tornar acessível para os outros. Em relação ao que não viveu, o indivíduo só pode rememorar, ou seja, trazer elementos da memória social de volta, através da interiorização. A rememoração é retomar elementos do conjunto de lembranças de uma sociedade, presentes na memória social, e fazer deles algo consciente, rememorado. Isso só pode ocorrer através de indivíduos e só pode ocorrer através da interiorização. Esses elementos da memória social só existem devido a exteriorização realizada pelos indivíduos. Essa exteriorização pode ser de algo singular, que só o indivíduo sabe, ou pode ser a exteriorização de algo compartilhado com outros indivíduos ou coletividade. Mas também pode ser a exteriorização de uma interiorização, ou seja, algo que está na memória social e foi retomada através da interiorização e depois repassada novamente (e possivelmente alterada) como exteriorização (o que não significa que será algo fidedigno, sem alterações que remetem ao indivíduo que a efetiva). Essa exteriorização da interiorização pode ser apenas mais uma rememoração hegemônica, ou pode ser marginal ou de pouco acesso. Podemos ilustrar o primeiro caso quando alguém recorda que o Natal é comemorado dia 25 de dezembro e o segundo caso quando um indivíduo lembra que o filósofo Ernst Bloch nasceu em 8 de julho de 1885. Ou podemos usar casos mais expressivos, como, por exemplo, um indivíduo que recorda que a “revolução de outubro” de 1917 na Rússia como uma revolução “socialista” e outro que recorda o golpe de estado de outubro de 1917 realizado pelo partido bolchevique que implantou o capitalismo estatal. Em ambos os casos temos a exteriorização de uma interiorização, pois nenhum indivíduo hoje teve acesso pessoal a tal acontecimento (e, na época, apenas os que viviam na Rússia, e, mesmo assim, em posições e com acesso diferenciado às informações). A primeira é a exteriorização de uma interiorização da versão dominante da história e a segunda é uma exteriorização de uma interiorização do que efetivamente ocorreu na Rússia naquela época, o que significa uma rememoração hegemônica e uma rememoração marginal. O indivíduo que realiza a rememoração hegemônica pode partir tanto da historiografia conservadora quanto da progressista, com suas diferenças (para a versão conservadora, a revolução socialista é algo negativo e para a progressista é algo positivo) e o que realiza a rememoração marginal pode partir das posições daqueles que

foram vencidos na história e deixaram seus testemunhos ou historiadores e analistas posteriores (Viana, 2020, p. 107).

A memória social se impõe na sociedade através de vários mecanismos, tais como os de “criação do memorável”, “comemoração” e “adaptação memorial” (Viana, 2020). O nosso objetivo, no entanto, não é trabalhar a memória oficial, hegemônica, mas a memória coletiva. Contudo, a memória coletiva pode ser produtora e reprodutora da memória social hegemônica (e esse é o caso da memória coletiva da classe capitalista ou da classe burocrática), ou pode ser distinta e marginal (tal como a memória operária).

A memória oficial busca realizar a “recuperação memorial”, que pode ser feita por diversas formas. Um liberal e um nazista poderão recuperar o nazismo sob formas diferentes. Num caso, esse acontecimento vai ser tratado como um atentado à liberdade e manifestação do totalitarismo (como, para alguns ideólogos dessa concepção, é o comunismo e a vinculação das duas concepções tem um nítido significado político e reproduz interesses bem claros). Já no outro caso, será um momento de fuga do mundo fraco e decadente do liberalismo e do comunismo (que novamente aparece na versão burguesa, que o condena a partir de outros argumentos).

Nesse contexto, é interessante perceber que existe uma “luta em torno da memória” e que esta pode ocorrer através da perspectiva burguesa, da perspectiva proletária, ou, ainda, da perspectiva burocrática (Viana, 2020). Assim,

O primeiro ponto a ressaltar, no que se refere à memória coletiva, é a de que existe uma luta pela rememoração e os principais agentes desta luta são as classes sociais e os seus representantes intelectuais. Tanto no âmbito das representações cotidianas (“senso comum”) quanto na do saber noosférico (científico, filosófico, etc.), esta luta se faz presente⁶. As diversas abordagens do passado (tanto das representações cotidianas quanto do saber noosférico, complexo, especialmente a historiografia) estão envolvidas neste processo. Mas esta luta não termina aí e ocorre também em torno da definição de memória e suas determinações. A luta pela memória é, portanto, simultaneamente, teórica e prática (Viana, 2020, p. 202-203).

Dada a temática de nossa dissertação, o que nos interessa é, fundamentalmente, a memória proletária, isto é, uma manifestação específica da memória coletiva. Essa memória proletária é interiorizada e exteriorizada por indivíduos (Viana, 2020). Ela pode ser resgatada por pessoas dessa classe ou por seus representantes intelectuais. “Por conseguinte, existe a rememoração autóctone e a rememoração alóctone” (Viana, 2020, p. 204). A primeira é

⁶ Tal como colocou certa vez Adorno, o esquecimento facilita a reprodução da barbárie (Adorno, 1986), ou seja, ele defende a recordação do holocausto enquanto forma de evitar sua repetição.

realizada por operários, quando exteriorizam suas experiências e consciência. Já a segunda é realizada pelos seus representantes intelectuais, quando realizam buscas, pesquisas, entrevistas, entre outros processos que os permitem acessar a rememoração operária e publicizá-las. O que é rememorado depende dos valores, interesses, sentimentos, entre outros processos, daqueles que o fazem. A memória oficial visa apagar a memória operária, especialmente quando ela tem um significado político.

Desse modo, para Viana, o conceito de memória social está atrelado ao de classes e ao de grupos sociais, apresentando, assim, uma esfera ligada à luta de classes. Em outras palavras, este sociólogo pretende apresentar um olhar diferente do conceito desenvolvido por Halbwachs, acrescentando um viés marxista à memória social. Tal viés permite uma incursão mais intensa ao livro trabalhado. Assim, são introduzidas diversas mazelas, violências, situações e relatos que permeiam as condições dos trabalhadores e migrantes na região estudada. Junto disso, considera-se o contexto de sua época ao abordar a exploração da mão-de-obra. Esse momento estava situado na contramão do que ocorria nos países mais avançados do capitalismo que gozavam do Estado de bem-estar social. Como se sabe, este último tinha um maior acesso ao consumo, e melhores condições de salário e de sobrevivência dos trabalhadores destes países. Por outro lado, o operariado dos países de capitalismo subordinado produzia para as multinacionais, que investiam o lucro obtido nos países de origem, nas suas matrizes. Desse modo, era possível evitar greves intensas e problemas sociais, o que não ocorria de forma intensa no Brasil daquela época, em virtude da ditadura militar.

Vamos agora nos adentrar no contexto histórico e na vida de Jatobá, abordados no próximo capítulo.

3 RONIWALTER JATOBÁ: VIDA E OBRA

A análise das *Crônicas da Vida Operária* de Roniwalter Jatobá deve ser precedida de uma contextualização histórica e biográfica. O contexto histórico e social em que viveu Jatobá ajuda a entender elementos da sua obra, já que as características da vida operária que ele traz são as de sua época. Assim, ao abordá-las, elas contribuem para entender não só as motivações, mas os temas e questões que emergem em seus contos. A história individual de Jatobá e sua produção e recepção completam o quadro de contextualização. Este será o objetivo do presente capítulo.

3.1 O contexto histórico e social de Jatobá

Para melhor contextualizar o momento histórico e social em que Roniwalter Jatobá produziu sua obra, vamos recuar para a formação da classe operária no Brasil. Descreveremos, brevemente, o contexto da sociedade brasileira, para, por fim, de forma sintética, abordar *Brás, Bexiga e Barra Funda*.

3.1.1 A formação da classe trabalhadora no Brasil

A classe operária surge no Brasil após o avanço da Revolução Industrial no continente europeu e após a crise da escravidão. O fluxo imigratório passa a comandar as relações de trabalho alienado e um desenvolvimento precário do capitalismo no país. Desterrados, empobrecidos e miseráveis, vários europeus cruzaram o Oceano Atlântico em busca de condições melhores para si e suas famílias. Ao lidarem com um processo que os prendia ao trabalho e o pouco apoio referente as terras (Petrone, 1982), o imigrante passa a buscar lugares para se desenvolver em um primeiro momento. A saída foi a ocupação de terras no interior do Brasil em meio a uma produção rural. Com o desenvolvimento nacional vindo a ocorrer, começaram a surgir complexos têxteis e industriais que alocaram esta força de trabalho. Ao passo que traziam esta força de trabalho para a cidade, a burguesia local teria que lidar com uma sociabilidade distinta por parte destes imigrantes. Observando que as relações industriais ocorreram de forma semelhante na Europa, estes imigrantes passam a se organizar. A partir disso, causam, por meio de greves e revoltas, agitações necessárias para melhores condições de vida e opções de lazer ao trabalhador.

Maria Auxiliadora Guzzo de Decca (1991) apresenta, em *Indústria, trabalho e cotidiano: Brasil – 1889 a 1930*, como os imigrantes, a burguesia e este caldeirão de situações serão tratados na formação do operariado brasileiro. A autora aponta que o crescimento das cidades propiciou – junto de um fluxo migratório mais intenso entre o final do século XIX e início do século XX – a organização de iniciativas e ações por parte de uma burguesia nacional para atender as suas necessidades e as do capitalismo tardio que aqui se iniciava. Nesse contexto, a burguesia brasileira passa a contratar, em massa, inúmeros imigrantes – em sua maioria, italianos.

O cotidiano das fábricas era de trabalho intenso, condições insalubres, violência e disciplina, com salários parcos que não acompanhavam as condições necessárias para sobrevivência. Nas palavras da autora,

Se o cotidiano dos trabalhadores dentro das fábricas, nas primeiras décadas de industrialização do Brasil, era bastante árduo e penoso, a sua vida fora das fábricas ou dos estabelecimentos de trabalho não foi mais fácil ou suave. Os salários operários, desde o final do século XIX até 1930/1940, ficaram sistematicamente aquém dos aumentos de preços e do custo de vida de maneira geral. Os salários do proletariado urbano e fabril apresentaram um poder aquisitivo muito baixo ao longo de todo esse período (Decca, 1991, p. 43).

Neste ponto de pauperização e pobreza, o operariado, inserido na realidade brasileira, passa a se organizar a fim de constituir revoltas e greves. Os imigrantes, portanto, passaram a conviver com uma realidade já conhecida em seus países de origem. Ao reconhecerem a ocorrência destas questões, os trabalhadores, em sua grande maioria vindos da Europa, se organizaram em várias frentes politizadas como coloca a historiadora:

A organização dos operários por fábrica, por setor industrial, nos sindicatos, nos partidos, nas ações coletivas como greves e paralisações, no cotidiano dos bairros operários ou industriais foi, no entanto, fundamental para a constituição do combativo movimento operário entre 1889 e 1930/35. As greves, resistência coletiva explícita, ocorreram desde os fins do século XIX em vários cantos do país. Ainda que se considere a greve de 1902 ocorrida no Rio como a primeira de proporções significativas, houve outras anteriormente, por empresa ou estabelecimento industrial (Decca, 1991, p. 73).

A partir da organização sindical, há o surgimento de greves e revoltas, exigindo melhores salários e opções de lazer. Aliás, com isso, os operários buscaram criar condições

necessárias para a introdução de questões culturais, como tradições, clubes e relações sociais distintas daquelas encontradas em solo nacional. Tal como aponta a seguinte passagem,

Se nos centros urbanos, a liberdade de circulação era maior, assim como era maior a circulação de ideias, havia no setor não governamental do trabalho uma maior independência política também. Foi o que aconteceu em São Paulo, onde o contingente de operários do Estado e de empresas públicas era pequeno, sendo que o peso do anarquismo foi maior, devido à predominância da presença estrangeira e seu ideário socialista. Tal formação garantiu maior agressividade no movimento operário paulista, quando houve várias greves, cujo ápice foi a greve geral de 1917, com a participação de 70 mil trabalhadores, que cruzaram os braços, exigindo melhores condições de trabalho. As principais reivindicações de seu programa eram: aumento de salários; proibição do trabalho de menores de 14 anos; abolição do trabalho noturno de mulheres e menores de 18 anos; jornada de oito horas, com acréscimo de 50% nas horas extras; fim do trabalho nos sábados à tarde; garantia de emprego; respeito ao direito de associação. Solicitavam também redução de 50% dos aluguéis e propunham medidas contra a carestia, através da intervenção do Estado, o que, neste aspecto, destoava do primado anarquista (Fausto, 1995). A greve de 1917 durou uma semana e foi duramente reprimida, até chegarem a um acordo de 20% de aumento para os trabalhadores (Cardioli; Nascimento, 2014, p. 93).

Após a década de 1920, o Brasil passou por modificações intensas em sua formação social, econômica e estatal. Saindo da política café com leite, Vargas assumiu o poder por meio de um golpe orquestrado por uma parcela da burguesia que desejava realizar transformações à sua maneira (Tronca, 1981). Neste caso, as transformações no âmbito do trabalho foram intensas. Desse modo,

Com a Revolução de 1930 surge o desafio de o Brasil sair da predominância de uma economia agrária para inserir-se numa sociedade industrializada, marcada de um lado, pela aparição de relações de trabalho com maior grau de complexidade e desenvolvimento, e de outro, pela concretização da regulação do trabalho como instituto jurídico. Através deste marco histórico o país vivencia um período classificado como “Estado intervencionista”, apesar de ser dotado de natureza autoritária [...] (Luz; Santin, 2010, p. 269).

Logo, o Estado passa para si a formalização trabalhista por meio de leis que garantam a condição do trabalhador, que passa a gozar de direitos que até então eram reivindicados. A ideia era de que o operário, ausente da guarda do Estado, poderia acabar “indefeso” ou informal (Cardoso, 2019).

O Estado passa, também, a controlar as relações de associação entre os trabalhadores e seus sindicatos, buscando oficializá-los. O controle da massa operária tem sentido pelas

inúmeras greves e revoltas que eram realizadas antes da Revolução de 1930. Como aponta Fabio Gentile (2019)

No discurso do Rotary Club, proferido em dezembro de 1930, argumentava o Ministro do Trabalho, Lindolfo Collor:

A regularização jurídica das relações entre o capital e o trabalho obedecerá, pois, entre nós, ao conceito fundamental de colaboração das classes. Não há nenhuma classe, seja proletária, seja capitalista, que possa pretender que os seus interesses valham mais do que os interesses da comunhão social. O Brasil primeiro, depois os interesses de classes (Collor, 1990, p. 187).

O princípio do enquadramento jurídico do sindicato, anunciado no discurso de Collor, é o fundamento da lei sindical de 1931. (GENTILE, LONGHI & VIEIRA, 2019, p.17)

Com a tutela e a ação estatal, a burguesia brasileira conseguiria resolver dois grandes problemas: 1) a radicalização dos anseios e desejos proletários; 2) dar tratativa legal, caso conseguissem um emprego. Com o avanço do autoritarismo varguista e a instauração do Estado Novo (1937), esse cenário se intensifica com leis de trabalho esparsas durante o período, as quais culminariam na Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT) de 1943 (Luz; Santin, 2010). A CLT, portanto, regulariza as relações de trabalho, procura dar estabilidade ao trabalhador e lhe garantir um conjunto de leis que façam gozar de direitos por meio do Estado.

O silenciamento da oposição, a perseguição de sindicatos dissidentes e o controle operário fizeram com que Vargas tivessem relativo sucesso em suas ambições. Contudo, o desgaste provocado pela sua condução na Segunda Grande Guerra e o clima de insatisfação presente promoveram sua saída do poder. Tal fase culminou na conciliação e numa tentativa de controle da oposição e dos sindicatos.

No período posterior, com a ascensão e a morte de Vargas em 1954, o Estado brasileiro promoveu a abertura econômica. Com os sindicatos aparelhados ao Estado e um certo controle destes, o capital estrangeiro não encontraria barreiras para sedimentar suas relações. Assim, ele poderia inserir fábricas e promover formalidade e informalidade quando bem fosse necessário. A volta da oposição e uma organização desta, como com os bolcheviques, culmina em ações de associação com a burguesia local; promoção de ações culturais; inserção no seio estudantil (Konder, 1980); e criação de associações autônomas ao controle do Estado. Nesse contexto,

A crítica a essa estrutura sindical e à CLT de um modo geral foi parte do processo de construção da identidade da ação sindical do PCB. De dentro da estrutura sindical autoritária, os militantes reuniam recursos financeiros e institucionais que alimentavam suas tentativas recorrentes de construir uma estrutura sindical autônoma, especialmente uma central sindical que pudesse coordenar nacionalmente o movimento. O Comando Geral dos

Trabalhadores (CGT), criado em 1962 e controlado pelo PCB até sua destruição em 1964, foi uma central sindical autônoma, criada independentemente das disposições explícitas da legislação trabalhista que proibiam organizações intercategorias (Cardoso, 2019, p. 239).

Com o golpe militar, os sindicatos e as organizações dos trabalhadores foram bastante perseguidos pelo regime. A violência e truculência por parte dos militares para com seus opositores também encontra imensa força nas ações contra as leis promovidas pelo varguismo, frente à regulamentação trabalhista. A informalidade e a formalidade passam a definir o acesso a direitos, a formalização como cidadão e a perseguição por parte do Estado. O crescimento econômico não acompanha a inserção do trabalhador ao consumo e nem a divisão do bolo, resultando em desemprego e marginalização.

Logo, o operário passa a conviver com a crise, os medos e a ansiedade, devido ao desemprego ou ao desejo de melhores condições ofertadas. Ademais, a urbanização ganha contornos intensos e dramáticos. O realizador deste processo passa a ser o migrante vindo de outras regiões, principalmente do Nordeste para o Sudeste – no nosso caso, sobretudo São Paulo. A migração intensa e a oferta de trabalho de grandes empresas, principalmente na região do ABC paulista, será discutida e trabalhada dentro da dissertação considerando a discussão sobre trabalho. Tais categorias norteiam as lembranças realizadas pelos operários na obra trabalhada.

3.1.2 O contexto da sociedade brasileira

Como evocamos anteriormente, o Brasil passou por inúmeras transformações no início do século XX. Por um lado, o fim da República Velha e da política do café com leite por Getúlio Vargas assinalava uma nova concepção econômica e do Estado brasileiro. O desenvolvimento econômico encontrava alicerces em políticas de infraestrutura. Por outro lado, o Estado realizou uma reorganização dos trabalhadores em sindicatos e a perseguição àqueles que ousassem se posicionar contrários. Com estes dilemas, os partidos políticos de tendência à esquerda passaram a ser cassados, banidos, afastados ou censurados. Os seus dirigentes políticos, intelectuais e burocratas foram perseguidos, presos e silenciados. Com isso, a clandestinidade passa a caracterizar tais ocorrentes.

Em meio a expansão, guerras e conclames, o Estado passa por modificações que vão desde golpe, ditadura e uma democracia que andava em corda bamba. Uma corda que parecia ruir já na década de 1960 com a saída de Jânio Quadros e a entrada do trabalhista João

Goulart, que procurava estabelecer políticas mais à esquerda (como, por exemplo, a tentativa de uma reforma agrária). Com a forte propagação ideológica da burguesia, pautada pelo anticomunismo, os militares tomaram o poder e assumiram as rédeas de controle do Estado. Durante a década de 1960, eles aplicaram atos que inibiram a produção cultural e crítica. O ensino, com isso, imputava valores morais, além da violência repressiva para com sindicatos e ligas. Na década de setenta, houve o acirramento da censura e da repressão, intensificando a preocupação com a liberdade e a procura pela democracia. Nesse sentido,

No Brasil, desde os anos 1970, esse conjunto de premissas vinha sendo acolhido na política institucional e na vida intelectual do país por meio de um debate nacional sobre a retomada do Estado de Direito, a recomposição dos chamados direitos individuais e a retomada da “questão social”, que, como já se encontra bastante estabelecido na literatura (Green, 2009), se faziam com fortes incentivos internacionais. Estabeleceu-se, no país, na forma de incentivos para a formação de uma agenda de trabalho intelectual, no qual pautaram-se um crescente interesse por uma nova governança, moralidade pública e formas de exercício do poder, e um renovado debate sobre que papéis a modernidade capitalista poderia exercer no enraizamento de uma ordem democrática no Brasil [...] Nessa especialização dos intelectuais, ainda mais em sociedades “em formação” (“subdesenvolvidas”, como o Brasil), era o de criação e de consolidação das instituições de uma determinada comunidade político- moral. Uma vez alienados de suas condições próprias de trabalho (ligadas à autonomia grupal e a uma colocação entre segmentos de elite) ou se afastados do coração da frente “anti-totalitária” e “democrática”, os intelectuais passariam, facilmente, de uma posição desejada de artífices da comunidade político- -moral, de seu aprimoramento e de sua “institucionalização”, à “subversão” e à “destruição da ordem” (Chaves; Cattai, 2019, p. 201-202).

A integração do Estado a um projeto democrático se tornou uma tendência para compreensão e amenizar o processo recorrente da ditadura. Em outras palavras, a ideia era a de criar bases para a democracia. Intelectuais e burocratas canalizaram esforços em direção a pautas democráticas, na garantia de adestramento de uma certa volta à normalidade da sociedade. A frustração dos envolvidos deu-se pela maior repressão dos militares – uma atuação mais intensa da censura e dos críticos ao regime. Neste momento, culminou uma defesa maior da liberdade de expressão; o uso de metáforas para compreensão do momento vivido; e a utilização dos direitos humanos como um direito a ser adquirido pela via estatal, e não a consciência por meio da emancipação do ser humano.

A estes aspectos pelo anseio democrático, soma-se a formação anterior das organizações de esquerda que, vinculadas ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), reproduziam suas diretrizes e normas na disputa pelo poder. Em suma, a democracia se

iniciou anteriormente por meio de alianças com as burguesias nacionais. Nisto, a classe trabalhadora viu sua radicalidade pautada tanto em partidos como em sindicatos que faziam uma espécie de contrarrevolução ao projeto crítico e emancipatório desta. As ações no campo ocorriam com intensidade distintas das cidades e, para tanto, demonstrou a pouca resistência dos trabalhadores ao golpe de 64.

Seria preciso sair da dominação dos sindicatos controlados pelo Estado, criar as demandas e articulações necessárias para romper este processo. Contudo, anteriormente a este rompimento já ocorriam denúncias e atuações na circulação de ideias contrárias à ditadura que, perpassadas por metáforas ou pelo regime, compunham uma intensa produção. Como coloca Cunha (2009, p. 82),

A outra face de atuação, intimamente vinculada à primeira, destinava-se a controlar e dirigir a produção cultural, buscando principalmente forjar uma ideologia que imbricou modernização e nacionalismo como forma de legitimar a violência praticada, sempre que essa fosse a favor do que os militares interpretavam por ordem, progresso e segurança nacional, sobretudo quando fosse destinada a manter as formas de privilégio recém-instauradas ou ainda oriundas do período democrático.

Com a atuação da censura, o processo artístico passa a ter uma produção com um intuito metafórico a fim de burlar o aparato repressor. Com uma discussão mais restrita e a perseguição intensa de intelectuais, a ditadura reduziu a discussões e canalizou através de veículos de massa, o triunfo de um Brasil que se contrastava com a realidade. A televisão foi o grande veículo desta propagação e forjou uma imagem construtiva de ascensão e crescimento do país. O regime se fortalecia com um discurso massivo contrário ao segmentado pelos dissidentes. A eficácia deste discurso levou a um ufanismo nacionalista, um clima eufórico, a criação de obras faraônicas e uma coesão no valor e na moral da sociedade brasileira.

Esses novos grupos impuseram a aplicação direta de espetáculos já consagrados e com sucesso de bilheteria garantido, deixando um espaço restrito à expressão artística e ao experimentalismo, já que adotavam formas de produção semelhantes às de qualquer outra empresa, inclusive contratando atores especificamente para cada trabalho sem necessariamente nenhum tipo de relação anterior. Igualmente, o cinema também é restringido, tangenciando seu desaparecimento. Atores, diretores e cenógrafos, tanto do teatro quanto do cinema, quando poupados pelo regime, foram incorporados à televisão e contraditoriamente veem seu raio de ação ser ampliado na mesma medida em que sua liberdade foi sufocada (Cunha, 2009, p. 86).

Inibidos em meio a falta de circulação das ideias e de apelo social, as tendências partidárias foram dando lugar a uma maior intensidade da classe trabalhadora que através dos movimentos sociais, passa a se aglutinar em torno de associações com maior autonomia. As demandas horizontais que sacudiram o mundo no final da década de 1960 e início de 1970 chegam ao Brasil.

As reclamações operárias cresciam proporcionalmente ao arrocho salarial e ao aumento da produtividade, verificado desde o início da década de 1970 e chamado de “milagre brasileiro”, que fora na realidade, produzido pela aceleração do ritmo da produção e prolongamento da jornada de trabalho com o expediente da hora-extra, ou seja, aumento da intensidade e ritmo do trabalho (Coutinho; Castilho, 2018, p. 110).

Nesse sentido, os movimentos sociais começam a crescer e a reivindicar o seu desejo em consumir e conceber a cidade. Com o enfraquecimento da ditadura, que pretendia uma transição à sua maneira, os movimentos sociais tomaram espaço e conseguiram se organizar de forma menos sindicalizada e mais radicalizada. Em suma, o adensamento dos centros urbanos somado ao crescimento e à migração trazem novos atores à cena e reverbera no modo de conceber as práticas políticas e sociais no país.

Na descrição de seus objetivos de estudos, põem em cena trabalhadores sujeitos de práticas cotidianas de resistência, que elaboram seus próprios códigos de autorreconhecimento e identidade; que constroem seus paradigmas de dignidade que os articula num sentido comum dado à condição operária ou à vivência da exclusão em seus locais de moradia; que fazem escolhas; que constroem projetos de vida; que tecem representações acerca do mundo em que vivem; que estabelecem critérios pelos quais esse mundo se legitima ou se constitui em alvo de contestação, etc. O sentido das múltiplas figurações pelas quais os trabalhadores urbanos aparecem, nesse campo de debate, é algo que se explicita no questionamento de algumas das premissas e critérios pelos quais tradicionalmente se pensou a constituição e presença das classes trabalhadoras na sociedade (Telles, 1987, p. 63).

A atuação do Estado e a sua influência não conseguiram conter os levantes realizados em função da crise do regime de acumulação (Viana, 2009). A essa crise, acrescenta-se as manifestações que se intensificaram ao redor do mundo. No caso brasileiro,

O aprofundamento da crise estrutural, que impôs a reestruturação produtiva, a partir da década de 70 se dá devido à necessidade do capital em retomar a acumulação. Para isso, era necessário esfacelar as relações estabelecidas entre capital, trabalho e Estado desde o pós-guerra com o Welfare-state. Como afirma Bihl (1998, p.76), a “solução” para a crise o capital veio com o signo do neoliberalismo, propagandeando o combate à inflação e desmonte

do Estado por meio de privatizações, ela deveria ser paga pela classe trabalhadora (Souza Lima, 2017, p. 52).

No Brasil, o trabalhador passa a adentrar as grandes cidades, com processos massificados de contratação e dispensa. Além da abertura de fábricas de grandes multinacionais que aproveitavam o grande fluxo migratório e o acesso à carteira de trabalho. Com o enfraquecimento da ditadura, alinhado ao baixo crescimento econômico, os trabalhadores passaram a enfrentar dificuldades e ser atingidos pelo desemprego. Ademais, deve-se considerar as condições precárias dos suburbanos dentro da cidade.

O processo de trabalho era uma espécie de círculo vicioso. Ele perpassava pelos baixos salários, os quais levavam o (a) trabalhador (a) a fazer hora-extra. Isso, por sua vez, impedia abertura de novas vagas no mercado de trabalho, promovendo a existência de uma reserva de mão-de-obra (pela rotatividade). Assim se revelava o achatamento salarial e a necessidade de se fazer mais hora-extra para majorar os ganhos. Desse modo, o trabalho feito fora da jornada regular apresenta um inconveniente que ultrapassa o problema do desgaste físico: sua ocorrência impedia a contratação de novos trabalhadores. Contribuía-se, assim, diretamente, para o aumento do número de desempregados (Coutinho; Castilho, 2018) Por outro lado, a centralização não correspondia às demandas de uma promoção e reivindicação do acesso à cidade por parte da periferia. Com as limitações inseridas e uma maior libertação dos sindicatos, os trabalhadores passaram a se organizar e realizar reivindicações e atuações referentes às suas condições de trabalho. O deslocamento dos trabalhadores para novas regiões da cidade – além dos bairros operários tradicionais (Brás, Bexiga e Barra Funda) – trazem um sentido diferente e de verificação.

3.1.3 *Brás, Bexiga e Barra Funda*

Neste subtópico, será analisada a obra *Brás, Bexiga e Barra Funda*, de Alcântara Machado. Em um primeiro instante, apresentaremos a biografia do autor. Em seguida, será apresentado um debate crítico acerca do livro. Por fim, concluiremos com uma análise do escrito.

Nascido em 1901 e falecido em 1935, Alcântara Machado escreveu com excelência o que se passava na cidade de São Paulo de seu tempo. Filho de um político de enorme prestígio, e oriundo de uma família com muito renome, frequentou excelentes escolas, tendo estudado até mesmo fora do país em um curto período. Na faculdade, cursou direito e se bacharelou em

ciência jurídicas e sociais no ano de 1923. O seu talento e inclinação para a literatura se deu com o livro *Pathé-Baby*.

Em março de 1925 partiu em viagem para a Europa e de lá atuou como correspondente do JCSP enviando, semanalmente, descrições de cidades por onde passava, intituladas *Pathé-Baby*. Esses contos, impressões de viagem descritas de forma sucinta e telegráfica, compõem imagens das cidades descritas que são alternadas com ritmo que obedece à intenção do autor de compor uma obra inspirada na linguagem cinematográfica (Moura, 2018, p. 24).

Após a sua primeira obra, o autor concentrou seus esforços no seu segundo livro. *Brás, Bexiga e Barra Funda* foi lançado em março de 1927 pelo Editorial Helios, e se tornou, com o passar das décadas, o seu livro mais importante. Ele tratou dos imigrantes italianos, tema que perpassa grande parte do interesse de Machado. Após um período, o autor participa de um concurso de monografias, tal como relatado por Moura (2018, p. 29):

Em 1929 Alcântara venceu um concurso de monografias da Sociedade Capistrano de Abreu com o trabalho *Anchieta na Capitania de S. Vicente*. Ainda em 1929 foi convidado a colaborar nos *Diários Associados*, de Assis Chateaubriand. Nesse mesmo ano iniciou viagem à Europa, da qual só voltaria em 1930 e durante a qual contribuiu como correspondente d'O *Jornal* e do *Diário de São Paulo*; no mesmo ano viajou à Europa. Ao voltar, depois da ascensão de Getúlio Vargas ao poder, organizou, em sociedade com Mário de Andrade e Paulo Prado, a *Revista Nova* (1930-1931). Participou da Revolução de 1932, assumindo a *Rádio Record*. Depois de 1932 passou a compor a chapa do Partido Constitucionalista e se mudou para o Rio de Janeiro. Nessa cidade passou a contribuir com o *Diário da Noite*, do qual se tornaria diretor poucos anos depois. Alcântara trabalhou como redator dos projetos de lei da do Partido Constitucionalista para a Constituição de 1934. Foi eleito deputado, mas morreu antes de assumir o cargo, aos 34 anos, em consequência de uma apendicite diagnosticada tardiamente.

Os seus romances, contos e poemas retratam o cotidiano urbano e social das cidades, começando por São Paulo e se alastrando para o resto do país. Com a Semana de 1922, os modernistas passaram a divulgar e a multiplicar a sua produção artística. Dentre eles, encontrava-se justamente Antônio de Alcântara Machado.

A sua obra *Brás, Bexiga e Barra Funda* destaca o imigrante italiano desde sua formação social, seus valores e a ótica do trabalho. Considerando estes aspectos, será feita uma análise que condense estes pontos, de modo a dialogar com a presente dissertação.

Lançado em 1927, este livro consiste numa reunião de contos. Com uma linguagem mais coloquial, apresenta a formação da vida social por um olhar ficcional e crítico. Sendo que

Nesse contexto de efervescência cultural, o imigrante italiano destacava-se na paisagem urbana da década de 20, tendo se tornado elemento fundamental na obra *Brás, Bexiga e Barra Funda* (1927), de Antônio de Alcântara Machado. Em todos os contos do livro, além do imigrante italiano, também estão em cena, o espaço urbano paulistano do início do século XX e as características dos comportamentos modernos que caracterizam cada uma das personagens (Cardioli; Nascimento, 2014, p. 95).

Para entendimento da retratação da vida social do imigrante em sua obra, vale ressaltar a importância de conhecer e compreender o autor e a sua relação com estes temas. As suas histórias giram em torno do imigrante e sua forma social que se compõe de valores, questões éticas, trabalho, ganhos, morte, traições etc. *Brás, Bexiga e Barra Funda* apresenta, segundo Alfredo Bosi, um olhar

Voltado para a vida da sua cidade, Alcântara Machado soube ver e exprimir as alterações que trouxera à realidade urbana um novo personagem: o imigrante. O enxerto que o estrangeiro, sobretudo o italiano, significava para o tronco luso tupi da antiga São Paulo produziu mudanças de costumes, de reações psicológicas e, naturalmente, uma fala nova a espelhar os novos conteúdos. É nos contos de *Brás, Bexiga e Barra Funda* que se vão encontrar exemplos de uma ágil literatura citadina, realista (aqui e ali impressionista), que já não se via desde os romances e as sátiras cariocas de Lima Barreto. Mas, ao contrário do que se dava com este “humilhado e ofendido”, há muito de divertimento nas páginas do paulistano. Nelas, uma análise ideológica mais rigorosa não constata nenhuma identificação coerente com o imigrante, pitoresco no máximo, patético porque criança (o conto célebre do Gaetaninho), mas, em geral, ambicioso, petulante, quando capaz de competir com as famílias tradicionais em declínio (Bosi, 1994, p. 374-375).

Com uma linguagem que procura o rompimento com a norma padrão e priorizando a intimidade para com as peripécias dos desejos dos imigrantes, Machado traz a formação social destes estrangeiros italianos e como eram formados por meio de suas ações e desejos. Desde um simples andar de carro até mesmo um nacionalismo complexo, o autor percebe que as pessoas destes bairros operários têm relações de conflito e desejo na cidade.

Em outras palavras, os contos do autor apresentam as contradições existentes entre a formação e os costumes presentes na vida dos imigrantes. A cidade proporcionava mais condições de lazer e ascensão social, por outro, a pobreza e a miséria faziam com que as

contradições entre o desejo e a realidade ficassem evidente e assim, somente a possibilidade sendo o meio para que houvesse alguma recompensa em meio a tragédia.

Estas contradições refletem contos que falam sobre marginalização, competição, trapaça, consumo, nacionalismo etc. Em suma, os valores burgueses circulavam nos anseios dessas pessoas. Seja como motorista, jogador de futebol ou mesmo na trapaça, os imigrantes buscam se realizar frente a uma realidade marcada pela imensa desigualdade social. No final do conto “A Sociedade”, Adriano Melli recorda que “a mãe de sua futura nora os bons tempinhos em que lhe vendia cebolas e batatas, Olio Di Lucca e bacalhau português, quase sempre fiado e até sem caderneta”. (Machado, 2005, p. 45).

A necessidade de triunfo social, seja para se colocar à mesa da burguesia tradicional, seja para uma ascensão social triunfante, coloca frente a frente as reais dificuldades dos imigrantes e até mesmo suas relações de trabalho. Vemos isso, por exemplo, em “Carmela” quando as personagens saem “Dezoito horas e meia. Nem mais um minuto porque a madama respeita as horas de trabalho. Carmela sai da oficina. Bianca vem ao seu lado!” (Machado, 2005, p. 25). Ou em “Também o Natale não despregava do balcão de madrugada a madrugada. Trabalhava feito como um danado. E dona Bianca suando firme na cozinha [...]” (Machado, 2005, p. 67).

As exigências de trabalho e a marginalização que conviviam naquela realidade da década de 1920 inserem a contradição das personagens que se deparam com os caminhos possíveis que podem seguir. A tragédia para andar de carro; o casamento para ascender socialmente; o envolvimento com outro trabalhador que tinha condições melhores; a troca de um namorado por outro em virtude de um jogador perdido; ou o abraço ao nacionalismo para formar uma ligação patriótica com o país que o recebera.

Na busca pelo trabalho ou relações amorosas, o retrato trazido pela obra apresenta um aspecto diferente dos escritos hegemônicos de sua época. O desejo é em grande parte o que move a narrativa, seja para ascensão social ou reafirmação de um *status quo* estabelecido recentemente. Neste caso, o sobrenome se coloca ao lado do prestígio, como se, agora, pudesse se inserir lado a lado com as oligarquias tradicionais da capital paulista.

A realização em vida é celebrada seja com festa, seja com identificação por parte dos pares ou daqueles de fora. A morte é celebrada como uma realização desejada ao intento final, uma marca até as últimas consequências do desejo. O amor é colocado como uma questão trivial que passa pelo triunfo, pelo fracasso e até pelas traições. Reproduz-se, então, a competição da burguesia que procura premiar ou chafurdar aqueles que ousam não atender aos desejos dos indivíduos narrados.

A tensão posta em campo se torna uma tragédia não atingida, permitindo o regresso que retorna à celebração. O derrotado não é celebrado, pelo contrário, é esquecido e, caso não seja um igual, é humilhado e lembrado de sua condição. A possibilidade de ir além da miséria e das condições que inibem seu desejo só se dá por meio do dinheiro. A lógica do dinheiro aqui é inversa à lógica do trabalho que mais prende e não dá as condições necessárias para tal ascensão. Sem essa possibilidade, as relações sociais encontram as frestas para que seja possível essa realização, tais como trapanças, enganos, em suma, o “jeitinho”, mas à italiana.

As iguarias, trejeitos e costumes geram uma identificação do novo ou de uma vivência que passa a ser adquirida e incorporada na cidade de São Paulo. Com estes, têm-se novos sotaque, palavras e agitações culturais. Tudo isso, resultado da cultura localizada nestes bairros operários e de profissões comerciais derivadas, sugando, de certa maneira, o imigrante para a sua necessidade que é o triunfo na cidade.

A vitória, por fim, nada mais é do que ser reconhecido como artífice da construção brasileira que vem por meio da outorga deste. Em suma, o italiano deseja ser brasileiro pois é aqui a sua nova casa, a sua nova pátria e onde pretende construir a sua vida. O reconhecimento só virá por meio de um título que ocorre por meio da ascensão e do gozo que não impedem o julgo e o esquecimento.

Brás, Bexiga e Barra Funda, portanto, insere-se como o modo de vida deste imigrante e a sua relação com o trabalho. Seus desejos, anseios e vontades têm muito das relações capitalistas aqui existentes que faziam com que a ascensão social fosse mais um sonho que uma realidade possível.

Com a naturalização, o italiano não precisa deixar de esquecer que, agora, ele se constitui como cidadão e reivindica a sua parte na cidade. Porém, isto só se dá com o reconhecimento por parte daqueles que se encontram há mais tempo no poder, daqueles que trouxeram e fizeram a cidade à sua maneira. Demonstra-se, assim, não o triunfo do italiano, mas da burguesia, que concebe ideologicamente a organização social, econômica e cultural da cidade, dando chancela àqueles que podem ostentar algo além de seus nomes.

Os bairros de imigrantes que dão título ao livro foram perdendo densidade. Com o passar do tempo, a população foi diminuindo, como aponta a seguinte passagem:

O Bairro começa a ser abandonado pelos imigrantes enriquecidos pelo progresso de suas oficinas; outros, são expulsos pela impossibilidade de pagar altos aluguéis e procuram loteamentos recém-formados nas periferias da cidade, junto às novas áreas industriais. Ao estudarmos o processo de

metropolização, encontramos em Langenbuch (1971) elementos que melhor identificam esse crescimento: Para o autor o início da metropolização da Grande São Paulo ocorre entre o período de 1915 a 1940. Ele recupera a formação dos novos loteamentos, originando novos bairros. Enquanto isso, o Brás sofre algumas transformações – “A compactação da cidade, a partir de 1940, envolve a área do Brás.” (p. 179) Comparando os anos 40, 50 e 60 houve um decréscimo da população no bairro do Brás. O recenseamento mostra uma variação da sua população – em 1940 havia 80.225 habitantes, em 1950 decaiu para 68.135 habitantes e em 1960, continua declinando para 64.061 habitantes (Gomes, 2005, p. 6318).

Com a valorização dos terrenos, abertura dos comércios e construções que reduziram o quantitativo populacional da região, os bairros passaram a ter uma menor identidade com o operário que imigrava. Começaram, então, a reservar espaços para trabalho e um vínculo menor ao trabalhador que, com o crescimento da cidade de São Paulo, foi residir em outras localidades que se situavam mais ao leste da capital paulista.

3.2 Breve biografia de Roniwalter Jatobá

Roniwalter Jatobá nasceu em Campanário, Minas Gerais, em 1949. Seus pais eram baianos e emigraram para o norte de Minas Gerais no final da Segunda Guerra Mundial, em busca melhores condições. A infância do autor e sua adolescência numa cidade com grande disponibilidade cultural possibilitou o desenvolvimento de sua paixão pela arte, mais precisamente pela literatura:

Nesta pequena cidade, por sinal, havia um oásis cultural. Cinema e teatro. Nunca me esqueço: os jovens, na grande maioria, brigavam para ver quem ia ler primeiro as novidades literárias que chegavam de Salvador. Havia ali um advogado e professor de geografia, Domingo Dantas, que colecionava livros autografados de autores brasileiros. Tinha todo mundo. Ele mandava buscar no Rio de Janeiro.

Naquela época, e durante quatro anos, nos esbaldamos de ler Graciliano Ramos, José Lins do Rego e muita prosa americana. Em 1964, terminei o ginásio, mas meu pai não tinha condições de me enviar para Salvador para continuar os estudos. (Jatobá *apud* Fanini; Ferron, 2022, p. 178).

Após terminar os estudos, o autor procura melhores condições de vida. Com esta condição passa a trabalhar com o pai e depois no exército até que migra para a cidade de São Paulo.

Com quinze anos, a minha perspectiva era trabalhar na roça ou ajudar meu pai, que possuía um velho caminhão. Naquele período da nossa vida, o Ford amarelo servia para meu pai comercializar produtos industrializados (açúcar,

bebidas) e permutá-los por feijão, farinha etc. Fui, então, dirigir o caminhão. Como dizem que no sertão o único guarda de trânsito existente ali são os jegues, que teimam em pastar no meio das estradas de terra, não precisei de habilitação. Fiquei, assim, nessas andanças por quase três anos.

O trabalho era agradável e me sobrava muito tempo. Enquanto meu pai cuidava dos negócios nos pequenos lugarejos, eu lia. Foi aí que conheci quase todos os títulos da pequena biblioteca de Campo Formoso e travei conhecimento com os textos de Dostoiévski, Gogol, Kafka e muitos outros. Depois de servir o Exército em Salvador, vim para São Paulo, em 1970. Aqui fui morar em São Miguel, na casa de uma família, um exemplo de solidariedade. (Jatobá *apud* Fanini; Ferron, 2022, p. 178-179).

Após migrar para a cidade, consegue emprego em uma empresa no ramo de química até que conseguiu um trabalho próximo a área de almoxarifado. Com este emprego possibilitou a formação em jornalismo e seguir na carreira de escritor.

Era fevereiro. Até abril bati muita perna em busca de trabalho. Na Nitroquímica, a maior fábrica de São Miguel, e que empregava quase todo mundo que chegava da Bahia, não tinha vaga. Rodei a cidade inteira até que, um dia, consegui uma vaga de ajudante de almoxarifado na Karmann-Ghia, no ABC. Fiquei três anos empurrando carrinho cheio de peças para a produção. Em 1973, saí e entrei na Editora Abril, como apontador de produção na gráfica. A partir daí, auxiliado pela empresa, fiz supletivo colegial e, depois, pude me formar em jornalismo. Foi na escola que comecei a escrever os primeiros trabalhos. Eram contos e, em todos eles, o cenário era a periferia paulistana ou os dramas dos migrantes na sua vinda, mostrando o abismo social que existia no país entre ricos e pobres, que, infelizmente, não teve de lá para cá nenhuma melhora, mas sim um retrocesso (Jatobá *apud* Fanini; Ferron, 2022, p. 178-179).

Estabelecido em São Paulo, o autor escreveu sobre memória e migração, como aponta numa entrevista. A sua construção literária possui as experiências vividas como trabalhador em indústrias, fábricas e o migrante nordestino que passa a vivenciar o cotidiano urbano na década de 1970.

Sou um dos poucos autores que escrevem sobre o migrante nordestino. Não tenho intenção de mudar de assunto ou mesmo buscar modismos, o que é comum em grande parte dos escritores brasileiros. De certa forma, busco devolver ao leitor aquele Brasil que já esteve presente em nossa literatura de ficção, sobretudo a partir dos anos 30, que tanto ajudou na formação de uma consciência nacional. Escrevo sobre a vida que conheci como nordestino migrante, motorista de caminhão, trabalhador de construção civil e fábrica, buscando condições melhores em São Paulo. Não tive nenhuma intenção de tratar cientificamente fatos e personagens, não levantei teses sociais. Minha partida, claro, foi a experiência real, porém não escrevi como historiador, antropólogo ou sociólogo, muito menos cultivando correções políticas – e sim como escritor (Jatobá, 2012).

Como escritor, preocupa-se em apresentar o trabalhador e sua condição operária em suas obras principais. Este fio condutor também se mistura com a vida do próprio autor que busca traduzir esta questão em sua escrita. “No chão da fábrica há também um mundo competitivo. Vivi isso na indústria automobilística e no setor gráfico. Por isso, personagens complexas, servis em muitos momentos, mas noutros vingativos.” (Jatobá *apud* Fanini; Ferron, 2022, p. 180)

Jatobá se desenvolveu bastante artisticamente com grupos e trabalhos, e até criou um selo. Com o avanço do selo, foi criada a

editora Pindahyba em 1974 por ele e pelos escritores, Arnaldo Xavier (1948-2004) Aristides Klafke (1953) e Souza Lopes; os números 10, 12 e 13 (1987, 1988 e 1989, respectivamente) dos Cadernos Negros, publicação organizada pelo grupo Quilombhoje; e a antologia O Negro Escrito (1987), com a organização do escritor Oswaldo de Camargo (1936) (Editores da Enciclopédia Itaú Cultural, 2021).

Em seu princípio, o grupo fazia incursões principalmente pela poesia concretista. Com o amadurecimento literário e temático, a sua escrita passou a ter uma forte carga em relação à memória e à sociedade em sua produção.

Com um olhar sensível para as condições enfrentadas pelos migrantes – condição que foi a sua, aliada a uma escrita que testemunha muito do que é ocorrido aos trabalhadores que vêm em busca de oportunidades melhores na cidade – o autor provoca até hoje uma leitura com produção na temática social. Não obstante, Jatobá envereda para outros gêneros, como o romance. Além disso, é um jornalista destacado que realiza pesquisas e apontamentos informativos acerca da literatura. Assim, vemos em sua entrevista:

Pergunta: Você acaba de lançar três livros: *O jovem Monteiro Lobato*, a novela *Alguém para amar a vida inteira* e *Cheiro de chocolate e outras histórias*. Em que circunstâncias estes livros nasceram, dá para falar um pouco de cada um?

Roniwalter Jatobá: O ano de 2012 foi realmente produtivo em relação a lançamentos. Mas, embora os três livros tenham sido editados ao mesmo tempo, em cada um deles houve um trabalho individual, cada um à sua maneira. O jovem Monteiro Lobato, que faz parte da coleção “Jovens sem fronteiras” da Editora Nova Alexandria, por exemplo, foi objeto de uma longa pesquisa que durou mais de um ano. Além de buscar informações em livros, revistas e jornais antigos, estive duas vezes na região de Taubaté, no interior paulista, para visitar os lugares percorridos pelo criador do Sítio do Pica-pau Amarelo, um pioneiro e mestre da literatura infanto-juvenil no País. Já *Alguém para amar a vida inteira*, editado pela Editora Positivo, é um

romance que escrevo e reescrevo há mais de cinco anos, e conta uma história de amor na periferia fabril de São Paulo. Quanto a Cheiro de chocolate e outras histórias, este é um livro que revela o meu sentimento de amor e ódio por São Paulo. Afinal, faz quarenta anos que vivo na metrópole e, por isso, os contos mostram a minha relação com a cidade. No primeiro texto, por exemplo, trato com delicadeza a história de antigos namorados que se reencontram na Avenida Paulista, e que recordam de momentos vividos em Paris e dos projetos que tinham juntos. Sobre este livro, o jornalista, escritor e crítico literário Renato Pompeu escreveu que “a literatura sempre avança em relação à mais requintada teoria literária. O principal teórico do realismo crítico, o húngaro György Lukács, julgava que não era possível fazer arte a partir do singular, por não ser universal. Somente a partir do singular-universal, ou seja, a partir do particular, é que seria possível fazer arte. Mas Roniwalter Jatobá, neste livro Cheiro de chocolate e outras histórias, prova o contrário. Ele chega a estesias melancólicas e encantadoras, a puros enlevos, a partir de uma feérica feira de singularidades; o conjunto se torna universal (Jatobá, 2012).

Hoje, com setenta e três anos, Jatobá se dedica ao descanso, após se aposentar como jornalista, tendo sua produção literária com um ímpeto menos intenso. Ainda vive em São Paulo e relaciona temática urbana ao seu cotidiano pessoal em reflexões por meio de textos e livros.

3.3 A obra de Roniwalter Jatobá

Essa extensa obra de Jatobá surgiu a partir da sua história de vida, bem como de incentivos e interesses que o autor formou durante sua trajetória. Abaixo, destacaremos esses pontos, contribuindo para a composição de um quadro mais completo de suas motivações.

Assumo que a minha literatura tem um tom confessional, uma vez que revisito sempre os lugares em que vivi, tentando mapear as minhas andanças. Toda a minha literatura vem da reconstrução literária da vivência e da experiência nas constantes migrações entre Campanário (onde nasci), Campo Formoso e Bananeiras (onde vivi) e São Paulo (onde moro). Quanto ao pioneirismo ao retratar a vida operária e a importância de alguns livros meus, como Sabor de química (Prêmio Escrita de Literatura, 1976), Crônicas da vida operária (Finalista do Prêmio Casa das Américas 1978, em Cuba) e Paragens (Finalista do Prêmio Jabuti 2005, São Paulo), quem fala sempre sobre isso é o escritor mineiro Luiz Ruffato. Ao defender sua tese, Ruffato mostra que o operário, como personagem, foi pouco retratado na literatura brasileira. Segundo ele, antes dos meus textos, o trabalhador urbano só podia ser entrevistado em um que outro romance – *O cortiço*, de Aluísio Azevedo, de 1890, *Os corumbás*, de Amando Fontes, de 1933, *O moleque Ricardo*, de José Lins do Rego, de 1935 – ou em um que outro conto – de autores como Mário de Andrade e Alcântara Machado. (Jatobá, 2012)

Além da obra *Sabor de Química*, destacam-se outras obras, tais como *Filhos do medo* (romance, 1979, ed. Global), adaptado para teatro; *Viagem à montanha azul* (novela juvenil, 1982), inclusive editado nos Estados Unidos em 1983; *Pássaro Selvagem* (romance, 1985); *Tiziu* (romance, 1994, ed. Scritta); *Juazeiro: guerra no sertão* (história, 1996, ed. Ática); *A crise do regime militar* (história, 1997, ed. Ática); *O pavão misterioso* (crônicas, Geração Editorial, São Paulo, 1999); *Paragens* (novelas, Boitempo Editorial, 2004); *O Jovem Che Guevara* (biografia, Nova Alexandria, 2004).

Há, além disso, suas publicações em antologias, tais como: *Assim escrevem os paulistas* (Alfa-Ômega, São Paulo, 1977); *Zitronengas: Neue Brasilianiche Ersahler* (Kiepenheuer & Witsch, Alemanha Ocidental, 1982); *Espelho mágico* (Guanabara, Rio de Janeiro, 1985); *Um prazer imenso* (Record, Rio de Janeiro, 1986); *Amor à brasileira* (Traço, São Paulo, 1987); *Erkundungen, 38 Brasilianiche Erzahler* (Verlag Volk und Welt Berlim, Alemanha Oriental, 1988); *Memórias de Hollywood* (Nobel, São Paulo, 1988); *Contralamúria* (Casa Pindaíba, São Paulo, 1994); *Trabalhadores do Brasil – Histórias do povo brasileiro* (reunião dos 40 dos maiores autores brasileiros em contos sobre o trabalho neste século, Geração Editorial, São Paulo, 1998, organizador); *Com palmas medida* (Fundação Perseu Abramo e Editora Boitempo, São Paulo, 1999); *Os apóstolos* (Nova Alexandria, São Paulo, 2002); *Pátria Estranha – histórias de peregrinações e sonhos* (Nova Alexandria, São Paulo, 2002).

Seus contos foram ainda incluídos em diversas antologias brasileiras e estrangeiras, com traduções para o alemão, inglês, sueco e italiano. Em 1988, traduziu o livro *A cavalaria vermelha*, de Isaac Babel, editado pela Oficina de Livros. No período de 1996 a 2001, Roniwalter escreveu crônicas, aos domingos, no jornal paulista *Diário Popular*.

Em relação à obra analisada na presente dissertação, lançada em 1978, *Crônicas da Vida Operária* é repartida em contos e demonstra a preocupação inicial do escritor com o trabalhador, as fábricas e a migração. O incentivo para a publicação veio com a seleção dos contos para um júri em Cuba. Com o prêmio e este pontapé inicial, o autor passa a escrever um livro de contos que trouxesse as situações, contradições e dilemas do trabalhador migrante. Neste intuito, surge o livro *Crônicas da Vida Operária*. Sobre isso, ele aponta:

Este *Crônicas* tem uma trajetória curiosa. No início de 1977, comecei a elaborar os primeiros textos. O primeiro deles foi o conto ‘Trabalhadores’. Ao dar o ponto final, lembrei que havia um jornal nas bancas que tinha o perfil da história contada e, assim, poderia publicá-la. Peguei um ônibus e fui à redação do jornal Versus, na rua Capote Valente, em Pinheiros [em São Paulo]. Cheguei, por azar, num dia de fechamento. Uma correria danada

porque a publicação tinha prazos determinados com a distribuidora, a Abril. Com receio e muita timidez, entrei na sala de um dos editores e disse que tinha uma colaboração para o jornal. Ele me informou que a deixasse sobre a mesa e continuou a batucar na velha Remington 100. Deixei o envelope sobre a mesa e cai fora. Decepcionado com a recepção, mesmo assim comprei nas bancas a edição seguinte. Uma grata surpresa: na edição nº 10 de Versus, em quatro páginas ilustradas e na companhia de Eduardo Galeano e Gabriel García Márquez, estava a minha história sobre operários do ABC. Surpreso, saí andando sem rumo pelas ruas e não sabia o que fazer com a publicação. Mais tarde, à noite, fui à faculdade, onde fazia o terceiro ano de jornalismo. Quando entrei na sala de aula, um grupo de alunos se debruçava sobre o novo número de Versus, justamente sobre o meu texto, tecendo elogios. Rápido, saí dali de fininho, com receio de ser contaminado pela soberba. Mas, no dia seguinte, meu ego explodiu: o jornalista Marcos Faerman, o editor do jornal que havia me recebido atarefado dias antes, me ligou pedindo que escrevesse um texto com a mesma temática para cada nova edição da publicação mensal. Uma semana depois, entreguei a nova crônica, intitulada ‘Nos olhos, gases e batatas...’. O jornalista Luiz Egypto, também editor do jornal, intitulou a nova coluna: ‘Crônicas da vida operária’. Estavam, assim, batizados os meus relatos dos operários do ABC. [...] (Jatobá, 2006, p. 10-11).

Após o sucesso com as publicações, o autor passa a escrever com maior frequência até que alguém informa sobre o prêmio Casa das Américas.

Quase um ano depois, já esgotada a temática das crônicas, continuei mantendo a colaboração com Versus, agora escrevendo um romance em folhetim. Um dia, ao entregar na redação um breve capítulo mensal, alguém me lembrou que a cubana Casa das Américas havia aberto um concurso para escritores brasileiros e os meus originais, publicados mês a mês em Versus, se encaixavam bem no gênero ‘Testemunho’, segundo o regulamento. (Jatobá, 2006, p. 10-11)

Após o envio ao prêmio na categoria testemunho, Jatobá obteve reconhecimento e elogios por parte dos jurados em virtude da temática apresentada.

Em plena época repressiva do regime militar (1964-1985), não era fácil o contato com Cuba. O correio, por exemplo, não funcionava entre os dois países. A única solução seria mandar o envelope com os originais do livro para Genebra, na Suíça, na sucursal europeia da Casa das Américas. Foi o que fiz. Mandeí o envelope e esqueci. Às vezes pensava naquilo, mas, pessimista, achava que o envelope havia se extraviado ou confiscado pelos militares. Um dia, Fernando Morais, um dos jurados do concurso em Havana, me procura e avisa que Crônicas havia agradado aos jurados, embora não tivesse ganhado nenhum prêmio (Jatobá, 2006, p. 10-11).

A obra obteve relativo sucesso e o seu autor relevância em meio à ditadura militar a temática crítica do livro. Mesmo Jatobá afirmando em certas entrevistas que o livro não tem um caráter político ou mesmo crítico, o autor concebe uma obra que trata do trabalhador e, neste caso, assume uma posição política. Ao retratar as condições de trabalho e dos dilemas

enfrentado pelos trabalhadores, Jatobá foge do usual na nossa literatura e aponta para o proletariado e o seu no cotidiano das grandes cidades.

Pergunta: O trabalho nem sempre se configura em elemento de satisfação na vida das pessoas de classes menos favorecidas. Muitas vezes, quando alienado e mal pago, é uma atividade desprovida de sentido e de valor humano uma vez que a centralidade do trabalho está somente na subsistência. Em “Mão esquerda” há o trabalho fabril e o artesanal, aquele com viés alienado, este com sentido comunitário e identitário. Nesse passo, a partir desse universo do trabalho, você considera que sua obra realiza uma denúncia social da precariedade material e existencial do universo narrado?

Resposta: Fiz a literatura que eu podia e sabia fazer naquele momento. E não a considero uma denúncia, no sentido de que tinha, a todo custo, passar uma mensagem, seja política ou social. De acordo com o poeta Ruy Espinheira, em resenha sobre Contos Antológicos, publicada em A Tarde (Salvador, 18/7/2009), escrevo sobre a vida que conheci como nordestino migrante, motorista de caminhão, trabalhador de construção civil e fábrica, buscando condições melhores em São Paulo. Não tive nenhuma intenção de tratar cientificamente fatos e personagens, não levantei teses sociais. Minha partida, claro, foi a experiência real, porém não escrevi como historiador, antropólogo ou sociólogo, muito menos cultivando correções políticas – e sim como escritor. Anos depois, tenho quase certeza que as histórias resistiram, sim. Talvez porque busco uma literatura que olhe a vida de frente. E busco devolver ao leitor aquele Brasil que já esteve presente em nossa literatura de ficção, sobretudo a partir dos anos 30, que tanto ajudou na formação de uma consciência nacional. Segundo o escritor Luiz Ruffato, “se nos debruçarmos sobre a produção ficcional brasileira ao longo do tempo, poucas vezes vamos flagrar personagens exercendo algum tipo de atividade laborativa. Em geral, os escritores nacionais, bem-nascidos, satisfazem no próprio âmbito da classe média as suas necessidades de criação – nicho onde o trabalho nem sempre é bem-visto. Quando extrapolam os seus horizontes, caem na tentação ou de idealizar o trabalhador, exibindo a exploração de que é vítima para combater politicamente sua opressão, ou de romantizar a figura do malandro ou do bandido, como pretendo contraponto rebelde às injustiças da sociedade. Isso porque, talvez, a literatura de boa qualidade exija uma dose mínima de veracidade – e são escassos os autores brasileiros conhecedores das mazelas da classe trabalhadora. Roniwalter Jatobá é uma dessas exceções.” (Jatobá *apud* Fanini; Ferron, 2022, p. 180).

A esta situação, Jatobá traz em seus contos um processo recorrente de questões referentes ao trabalho, à exploração e à formação proletária no ABC paulista. O autor não concebe a obra como militante ou denúncia, porém seus contos abordam de forma diferente o que aborda na entrevista. A ficção presente na obra demonstra uma tomada de posição para com o trabalhador e como a sua condição era desdenhada pelas empresas e até mesmo pelas condições as quais viviam na cidade. O autor toma uma posição política que é distinta de uma posição político partidária. Neste caso, Jatobá se afasta das diretrizes artísticas e culturais presentes no partidos de esquerda e busca expandir as discussão e o olhar para a classe

trabalhadora que padecia nas grandes cidades. A obra do autor apresenta uma forma antagônica ao pensamento e a posição por ele defendida na entrevista cedida.

Pergunta: *Sabor de Química* e *Crônicas da Vida Operária* trazem, além da preocupação literária, a situação econômica e social dos migrantes e dos trabalhadores, bem como todas as más condições de trabalho enfrentadas por eles. Notamos também que, mesmo em ambiente inóspito, há tempo e espaço para as personagens se relacionarem e exercerem a afetividade e a solidariedade. Ou seja: o operário não é construído de modo maniqueísta, sendo totalmente alienado. Isso procede?

Resposta: Sim, me considero um escritor do meu tempo e as minhas personagens foram criadas em sua total plenitude, de altos e baixos, de ódio e amor. Participo dessas vidas quando faço literatura. Um grande amigo meu, o poeta Arnaldo Xavier, já falecido, foi quem me deu uma boa definição dos meus livros sobre a classe proletária de São Paulo. “Se um extraterrestre chegasse a São Paulo, descesse em São Bernardo do Campo e quisesse saber como era o cotidiano nas fábricas do ABC nos anos de 1970, o único registro seria a sua literatura”, disse. Exageros de amigo à parte, também acho que os livros *Sabor de Química* (Prêmio Escrita de Literatura, 1976), *Crônicas da Vida Operária* (Finalista do Prêmio Casa das Américas 1978, em Cuba) revelam por dentro o inferno da indústria automobilística do ABC, descrito por quem o conheceu como trabalhador; o inferno dos turnos de trabalho; o inferno da mais-valia que se transforma em lucros multinacionais e em danosos investimentos dos gringos na Amazônia; o inferno do facão (a ameaça permanente do corte, como instrumento de chantagem contra os que se recusam a fazer horas extras ou a trabalhar nos domingos). E tudo isso com o olhar atento a tudo que aprendi de literatura (e na fábrica), insuflando alma aos personagens, cinzelando seus rostos, criando suas identidades perdidas e sempre em busca da felicidade, que é supremo objetivo dos homens (Jatobá *apud* Fanini; Ferron, 2022, p.180-181).

O livro apresenta por meio da ficção histórias, costumes, anseios e desejos de migrantes que passam a integrar a classe operária brasileira na década de 70 e sua percepção da sociedade na cidade que emigravam. Cria-se uma representação por meio desta. A obra se assemelha ao escrito da década de 1920 que discutimos anteriormente, *Brás, Bexiga e Barra Funda*, de Antônio de Alcântara Machado (2005). Ela é centro, aliás, de grande parte das histórias de *Crônicas da Vida Operária*. A distinção de ambos, além do tempo, se faz na narrativa e na representação social. No livro de Alcântara Machado (2005), a existência da cidade se dá por causos, acontecimentos com imigrantes e como eles se juntam na criação de São Paulo. Já no livro de Jatobá, a classe trabalhadora se encontra presente e vê o crescimento intenso da cidade, agora com migrantes. Se em um os imigrantes já não confiam no mito do enriquecimento aqui estabelecido, no outro, os migrantes são atraídos por condições financeiras e que podem possibilitar uma melhora de vida tanto para ele quanto para sua família.

A inserção do trabalhador como ator de ações – consciente da ocorrência de fatores que o limitam, sua ascensão, queda, marginalização e a realização de um trabalho que ora necessita, ora descarta – é ímpar em nossa literatura. Por isso, ela merece uma análise detalhada e profunda que contribua com os estudos sobre os anos 1970.

Com essa percepção, há de se salientar a dinâmica capitalista presente no Brasil na década supracitada. Esta traz, como resultante, uma corrida desenfreada para as cidades, a expansão industrial e uma farta necessidade de mão-de-obra que, longe de ser escassa, poderia ser ora demitida, ora reaproveitada. Como coloca Adalberto Cardoso, em *A Construção da Sociedade do Trabalho no Brasil*,

[...] já que boa parte da literatura social dos anos 1960 e 1970 no país tomou-os [na interpretação da sociedade do trabalho], de um modo ou de outro, como referência. No que se segue, recupero essa tradição para propor reflexão mais geral sobre a incorporação dos trabalhadores na dinâmica capitalista brasileira, tomando em conta evidências trazidas pelo próprio Juarez, às quais agrego outras, para propor leitura alternativa, na verdade bem diversa, dos processos por ele apresentados como aspectos da “crise do Brasil arcaico” (Cardoso, 2019, p. 187).

O desenvolvimento atrasado do país o levou a uma corrida por uma industrialização intensa nas décadas citadas, muito pela vinda de multinacionais para cá. O crescimento intenso e a absorção da classe operária levaram à incorporação e a um processo apressado que buscava retirar o Brasil do atraso econômico e social. A iniciativa – que teve amplo apoio dos militares por meio de planos na educação, infraestrutura etc. – não comportou as dificuldades deste crescimento. Ao passo que avançava – a partir dos planos desenvolvidos para uma melhor qualificação da classe operária, das empresas multinacionais e da produção nacional – a mercadoria sofria com condições e qualidades ruins. Estes, munidos de sonhos, desafios, desejos e dores, trabalharam e sofreram com as agruras das condições intensas e difíceis, tanto como migrantes, quanto como operários.

3.4 A recepção da obra de Jatobá

Várias análises sobre Roniwalter Jatobá se concentram no impacto do escritor, na inserção do debate acerca do proletariado e sua experiência para a produção deste.

O impacto do autor se dá pela sua capacidade em construir narrativas e histórias que inserem o seu olhar sobre as situações de trabalho e as dificuldades do proletariado e do migrante. Por meio da condição proletária anterior do autor, a sua produção consegue captar a

transformação e o processo pelo qual o país passou. O que inclui as melhores condições de trabalho nas grandes cidades, a partir dos direitos trabalhistas (Cardoso, 2010).

A partir do processo ocorrido entre as décadas de 1960 e 1970 – considerando a especificidade brasileira, que se difere do capitalismo avançado e consolidado– o autor insere a discussão sobre os almejos e receios do trabalhador. Estes passam desde a sua condição de moradia e trabalho até o medo para com o desemprego, informalidade e acidentes.

Alguns autores refletem acerca deste debate, como é o caso de Luiz Ruffatto. Ele explora, em seu artigo *Roniwalter Jatobá e a literatura proletária*, uma observação de Oswaldo França sobre a importância que o autor possui ao retratar o proletariado. Já que esta classe tinha sido, por muito tempo, deixada de lado ou considerada como de menor importância na literatura brasileira. Ruffatto aponta aqui uma assertiva característica deste processo ao afirmar que,

Jatobá praticamente instaura a literatura proletária brasileira – e sintomaticamente conta com escassos herdeiros. Antes, o trabalhador urbano pode ser entrevisto em um que outro romance – *O cortiço*, de Aluísio Azevedo, de 1890, *Os corumbás*, de Amando Fontes, de 1933, *O moleque Ricardo*, de José Lins do Rego, de 1935 – ou em um que outro conto – de autores como Mário de Andrade e Alcântara Machado. Contemporaneamente, alguns poucos se aventuraram no tema. Mas, sem dúvida, Jatobá é pioneiro ao alicerçar no operário a sua obra. Embora o Brasil tenha sido essencialmente rural até a década de 50, desde a virada do século XIX para o XX as cidades mais importantes contavam com estabelecimentos industriais – haja visto que a primeira greve geral foi convocada ainda em 1906, pelo à época forte movimento anarquista. Entretanto, apenas no final da década de 70 o proletariado ganhará espaço na literatura, não mais como símbolo idealizado, mas como personagem complexo e veraz (Ruffatto, 2009, p. 17).

Vale ressaltar que existiam obras brasileiras que abordavam as questões relacionadas ao trabalho. *O garimpeiro*, de Bernardo Guimarães (2015); e *Cacau*, de Jorge Amado (2010). Ambos retratam o trabalhador no meio rural. Isso, no entanto, é feito com alguma inocência e ausência de certa crítica no caso do primeiro romance. Ou, ainda, há a inserção de um trabalhador consciente por meio de sua formação anterior como filho de um burguês, possuindo, assim, uma certa crítica e percepção da exploração vivida. A diferença com relação à obra *Crônicas da Vida Operária* é a apresentação do trabalho no cotidiano urbano, em suma, um proletário.

Em relação à inserção e ao impacto de *Crônicas da Vida Operária*, Fernando Morais aponta a surpresa por parte deste e do júri de um festival em Cuba sobre a formação operária

no país. Flávio Aguiar apresenta a literatura operária como algo a ser contado e observado em meio às transformações sociais e econômicas no período pelo país. Como ressalta,

Este livro captou este momento, olhando desde logo os seus escombros, as vidas em estado de pobreza, com dignidade ou em ruínas, que davam ritmo secreto aquele Brasil, o não contado, o descontado. É uma obra singular e plural ao mesmo tempo. É singular pois postula a existência de “uma vida operária” a relatar. É plural, pois esta vida, que é uma, é relatada da pluralidade dos pontos de vista e suas múltiplas narrações, sempre em primeira pessoa (Aguiar, 2006, p. 76).

O momento descrito era, como coloca Moraes (2006, p. 5), “[...] um dos poucos, no Brasil de hoje, a escrever sobre um tema fora de moda na nossa literatura: a classe operária”. Em outros termos, não era frequente, dentro da literatura brasileira, a manifestação de relatos que tentassem abordar o trabalho.

Ruffato é outro intérprete que indica o pioneirismo do autor e sua importância para a literatura praticada em nosso país. O que pode ser constatado na seguinte afirmação:

Sendo assim, em relação aos trabalhadores urbanos, são compartilhadas suas visões, ações e aquilo que remete às suas contradições, anseios, dramas e desejos. No final, mostra-se o trabalhador inserido dentro de uma sociedade com estruturas, condições e limitações. Considerando, evidentemente, o contexto específico da obra, isto é, o ABC paulista da década de 1970.

Como observa o crítico Luiz Ruffato, o fruto de seu desbravamento era algo de caráter pessoal e de uma literatura que desejava dar voz às angústias e aos anseios do período, a partir de um “estilo próprio”. Assim, afirma-se que

Mas, aqui o que diferencia o autor de um historiador, um antropólogo ou um sociólogo: o escritor, demiurgicamente, insufla alma aos personagens, cinzela seus rostos, dá-lhes identidade, arranca-os do anonimato a que foram relegados. E essa construção se faz através do alinhamento de um estilo próprio, reconhecível nas várias camadas das reescrituras a que submete seus livros. A inquietação formal de Jatobá, que de certa maneira reflete sua inquietude com as coisas do mundo, pode ser observada, por exemplo, na reapropriação que faz de suas histórias (Ruffato, 2009, p. 23).

A partir desta inquietude e senso crítico, nasceram obras que despertaram a necessidade de analisar e conceber uma literatura operária por meio de um narrador que se insere e se conhece por meio do escrito.

4 A REMEMORAÇÃO DA VIDA OPERÁRIA POR JATOBÁ

Roniwalter Jatobá apresenta, em *Crônicas da Vida Operária*, uma rememoração, tal como o título indica, da vida operária. Para tratar dessa problemática, será necessário, inicialmente, esclarecer se a obra de Jatobá é uma rememoração ou um “testemunho” (ou “literatura de testemunho”). Após essa discussão inicial, o passo seguinte será buscar entender alguns aspectos da produção literária do autor. Em seguida, apresentaremos uma interpretação da obra, estabelecendo uma comparação com análises teóricas sobre o operariado, trabalho alienado e cotidianidade proletária.

4.1 Rememoração ou testemunho?

A obra *Crônicas da Vida Operária* é considerada por pesquisadores como uma literatura de testemunho, o que é corroborado pelo prefácio de Fernando Morais. Ele aponta que o prêmio que o escritor participou possuía a categoria “testemunho”, para adentrar no concurso Casa das Américas ocorrido em 1978, em Cuba. Entretanto, é importante definir a literatura de testemunho, uma discussão apresentada na seguinte passagem:

Em um debate sobre Literatura de Testemunho no Fórum do Campo Laciano São Paulo, Prates Pacheco (2011) discute a aproximação entre a literatura de testemunho com o testemunho do passe e alguns inconvenientes dessa vizinhança. Em primeiro lugar, Prates Pacheco [...] fala que o testemunho do passe não é literatura e, de certa forma, eu acrescentaria nem a experiência de análise. Em segundo lugar, ela explica não ser possível comparar o posicionamento de quem foi submetido involuntariamente a uma prisão, tortura ou qualquer outro crime contra a humanidade com aquele que se submete a uma análise. Além disso, diz que o testemunho daqueles que foram vítimas é da ordem da necessidade, uma via política para dar voz àqueles que foram excluídos (Barbara, 2014, p. 88).

É importante apontar que nem todo testemunho será enquadrado na área ficcional e, assim, realizar um compromisso com a análise que cabe à literatura. Podemos, por exemplo, testemunhar um crime ou testemunhar em um casamento. Estes não estando inseridos em uma obra literária, embora sejam peças documentais de um acervo ou biblioteca, ou seja, um aspecto histórico sobre a memória daquela sociedade.

A distinção na citação coloca a literatura de testemunho como um aporte ficcional para a inserção daqueles que não tiveram suas vozes ecoadas, isto é, que foram silenciados. Para tanto, cabe ressaltar que

A literatura de testemunho pode ser entendida como uma forma de recriação de mundos baseados em experiências memorialísticas de sujeitos que testemunharam, de alguma forma, um evento histórico. Narrativas testemunhais são reconstruções de mundos implantados pelo autor. O testemunho é uma possibilidade de apresentar relatos com um peso traumático e inarrável, levantando questões e dando voz às narrativas de minorias, de sobreviventes de holocaustos e de outras formas de genocídio, repressão e violação dos direitos humanos. Percebemos, também, que o testemunho salienta a relação entre discurso histórico e discurso ficcional (Maciel, 2016, p. 75).

A partir dessa passagem, percebe-se que a literatura de testemunho surge para compreender certos processos ocorrentes na história. É no modo de produção capitalista que o testemunho será utilizado ora para contrapor uma evidência ou salientar uma narrativa. Ao trazer o testemunho de um sobrevivente do Holocausto, ou cartas escritas por escravos sobre os horrores da escravidão, o escritor faz um apontamento ao denunciar certas práticas que ocorreram nestes momentos.

Na cultura há ambiguidades, uma vez que, por trás das grandes construções históricas, há um sem-número de seres humanos sacrificados – que sempre tendem a ser os esquecidos (os invisíveis, os invisibilizados). Dessa forma, a expressão artística pode ser um – ou se valer de ou receber o valor de – testemunho, ou melhor, é capaz de ser conduzida por uma via testemunhal. A literatura pode ser um testemunho, em outras palavras, o testemunho, o luto, o trauma, a memória ou a pós memória, seja ela de terror ou de denúncia, transmutada por meio da arte (Cabral; Mugge, 2019, p. 100-101).

Não se trata de uma literatura que pode ser o testemunho, o luto, o trauma. A memória e o testemunho andam de forma conjunta, pois o acesso a memória pode se dar de forma corroborada por informações que testemunham a ocorrência do fato. Contudo, a memória é procura apresentar a relação do que é rememorado para indivíduos e até a sociedade sobre tal feito como a ditadura militar, o holocausto entre outros eventos. Já o testemunho tem caráter da percepção do indivíduo acerca de certos fenômenos que podem corroborar com as evidências pesquisadas ou divergir do que é encontrado isto variando com os interesses, anseios e a formação social do indivíduo.

Quanto às relações entre literatura e história, o testemunho funciona como suporte no qual a voz, a visão de mundo e a subjetividade de sujeitos silenciados ou excluídos da história oficial, mas também da produção discursiva, podem ter acesso ao espaço letrado. Em outras palavras, isso significa que sua versão da história e sua experiência de vida passam a ter alguma chance de circular na esfera pública, sendo assim conhecidas. O crítico literário Hugo Achugar afirma que o testemunho tem o caráter de uma

“história outra” [...], uma história contada do ponto de vista do oprimido, ou da vítima (Medina, 2013, p. 25-26).

Para testemunhar um fato ocorrido ou mesmo escrever um fato ficcional que perpassa as experiências de vida, o indivíduo precisa lembrar o que ocorreu para dar voz ou escrita ao fato que será narrado. O testemunho é, em parte, evocação de lembranças, ou seja, apela para a memória, sendo esta constituída de maior complexidade. Ela envolve as recordações individuais. Logo, recusar a rememoração na obra *Crônicas da Vida Operária* é um equívoco.

A oposição entre “literatura de testemunho” e “memória” é, em si, problemática. Dizer que determinada obra é uma “literatura de testemunho” remete mais a uma forma de fazer literatura, concorde-se ou não com essa terminologia ou significado, do que uma discussão sobre memória⁷. Memória é algo mais amplo e se manifesta nas obras literárias e fora delas. Não é uma forma do fazer literário, mas sim algo que ocorre nele e tem origem extraliterária.

Mesmo que tratemos de testemunho no sentido comum da palavra, como alguém que observa ou vê algum acontecimento, isso não entra em contradição com a ideia de memória. Observar um acontecimento no presente é uma coisa, recordar isso depois, é outra. Depois que o acontecimento passa, já não é mais o presente e sim o passado. E o passado pode ser recordado pelo indivíduo ou rememorado socialmente. O testemunho é quando alguém diz ter visto e o que viu. Nesse sentido, ele é uma rememoração (pois é sempre para outros, logo, não é individual), que pode ser produto de constrangimento externo (tal como testemunhar num tribunal) ou não. Mas o que não se pode negar é que se trata de evocação de lembranças, do ato de lembrar.

Nesse sentido, a rememoração que ocorre em *Crônicas da Vida Operária* não é um testemunho sobre as condições de trabalho ou a inserção de um depoimento realizado por trabalhadores na região do ABC paulista que se sentiam aviltados pelas condições de trabalho a qual eram submetidos. Trata-se, na verdade, de uma obra que busca trazer, de forma ficcional, as ocorrências memorialísticas acerca do trabalho praticado pelos operários daquele período.

A relação entre memória e literatura é complexa. Uma obra literária é um processo de rememoração, por mais ficcional que seja. Não é possível produzi-la sem que o autor use suas recordações, embora as misture, enfeite, transforme. A memória, como conjunto de lembranças, é matéria-prima da produção literária. Porém, além de ser matéria-prima, transmutada no processo de produção ficcional, muitas obras inserem contextos históricos e

⁷ A não ser que se coloque “memória” como outra forma de fazer literatura, o que, para nossos objetivos, não tem interesse, já que não é nesse sentido que abordamos a questão da rememoração na obra de Jatobá.

sociais como pano de fundo de suas produções. Assim, elas fazem uma “reconstituição histórica inintencional” (Viana, 2007), ou uma rememoração inintencional. Contudo, a evocação da memória também pode ser intencional: “as produções intelectuais (arte, ciência, filosofia, representações cotidianas, etc.) não apenas são lembranças explícitas, quando intencionalmente contam a história da sociedade, como são parte dessa história” (Viana, 2020, p. 103).

Em outras palavras, um escrito literário pode ser uma rememoração inintencional ou intencional. A questão de saber se ela é um ou outro requer uma pesquisa rigorosa. Nesse tipo de investigação, é possível partir dos indícios que o próprio texto aporta ou partir de buscas por fontes extraliterárias, tais como entrevistas ou outras informações fornecidas pelo próprio autor (em prefácios, por exemplo).

A obra de Roniwalter Jatobá, nesse sentido, promove uma rememoração da vida operária, pois este é o seu tema e é sobre as experiências dos trabalhadores que ele se debruça. Resta saber como ele faz isso.

4.2 O pioneirismo de Roniwalter Jatobá

Roniwalter Jatobá é um autor diferente no que tange à literatura brasileira e à sua produção ao longo dos séculos. Isto ocorre, em certo ponto, devido à formação literária individual do autor em antônimo à formação literária social do país.

Nesse cenário tortuoso e conflituoso, a nossa formação literária pouco se referiu àqueles que se encontram no mundo do trabalho. Poetas como Castro Alves, romancistas como Bernardo Guimarães e alguns outros, estavam engajados como um processo e denúncia que ora pendia para exaltação e certa crítica, não raro com certa ingenuidade ou falta de força na determinação do seu conteúdo.

Com os limites, a forma e o conteúdo em sua época, além da tardia formação da classe operária nacional (vinda de forma mais intensa na década de 1850), os escritores brasileiros se concentraram em narrar romances; personagens irônicos; protagonistas desumanizados; a hostil natureza; ou estabelecer um quase tratado sobre quem eram aqueles que não estavam localizados no litoral.

Acrescenta-se a este processo o baixo número de alfabetizados; os poucos escritores negros (os que havia, não denunciavam, por medo da perda de sobrevivência e prestígio); e o raro uso da língua portuguesa por parte dos imigrantes. Sem contar a ausência do indígena, com o seu olhar sobre as atrocidades referentes à exploração e à escravização.

Enfim, um conjunto de determinações adiou o surgimento de uma literatura operária e urbana que permitisse perceber como funciona esta personagem, quais seus dilemas, angústias, medos e anseios no interior das fábricas e no processo urbano. Coube aos trabalhadores rurais perceberem as dificuldades do trabalho no Brasil, tal como nos romances da década de 1930.

Estes eram inseridos como desprovidos de uma capacidade crítica e formados pelo meio como reprodutores e opressores. Não havia saída a não ser aceitar as estruturas ou, ao se rebelar, acabar na sarjeta, como ocorre em *Vidas Secas* (1938), de Graciliano Ramos. O trabalhador com maior crítica e consciência era utilizado como porta-voz, e não como uma personagem crítica e observadora das contradições existentes que seriam sentidas por outras personagens.

Se no meio rural o trabalhador apresenta uma característica passiva de aceitação ou ausente, e uma crítica contundente ao trabalho, o trabalhador no meio urbano era constituído pela necessidade monetária. Aponto como exemplo *Os Ratos* (1937), de Dyonélio Machado (2022), que apresenta um trabalhador cuja dificuldade reside na questão do dinheiro e do tempo, como observa (Gil, 2016). No entanto, não se tratava de um operário, mas sim de um trabalhador ligado ao Estado, um burocrata em menor escala e valor, pertencente a esta classe social (Viana, 2018).

Logo, é importante ressaltar o pioneirismo de Jatobá ao relatar e problematizar, por meio de sua literatura, o operário – mesmo que tardiamente (anos 1970). Dada a discussão do proletariado, seus dilemas, anseios, problemas e a sua condição de migrante, foi constatado como se deu a constituição do trabalho no interior das fábricas. Tratando-se, neste caso, da automobilística, especificamente na região do ABC paulista, um local específico marcado por acontecimentos intensos.

Tendo esses elementos em vista, a crítica ainda não soube analisar nem trazer à tona este processo e como foi concebido. Além de haver uma falta de percepção, ele foi consagrado como literatura regional e urbana. Ademais, há uma falta de contundência da crítica em apresentar uma análise das transformações sociais e culturais com o processo migratório no país. Isso postergou o debate sobre como o trabalhador sentia o processo de migração, o seu descarte por parte de demissões; a inutilização da sua força de trabalho em acidentes recorrentes; ou, ainda, as suas dificuldades em estar à margem do meio urbano, convivendo com a miséria, a violência e a insalubridade recorrentes.

Vale apontar, além disso, o ressurgimento de estudos sobre sua obra e sobre o autor como uma antologia de contos publicada em 2009; e em uma entrevista recente concedida em 2022. Logo, a tendência é que mais produções sejam feitas para revisitar e compreender o

período histórico e as potencialidades ali encontradas antes de movimentações mais intensas da classe trabalhadora no final da década de setenta, tais como as tomadas de fábricas e as greves no ABC.

4.3 A rememoração do trabalho em *Crônicas da Vida Operária*

Lançada em 1978, *Crônicas da Vida Operária* retrata o cotidiano do operário na região do ABC paulista. A edição utilizada no presente trabalho é de 2006, pela editora Lazuli, e possui 80 páginas. Mas há livros pela editora Global, Global/ Versus, Círculo do Livro, contendo até cinco edições. Antes deste livro ser lançado, alguns contos foram publicados, como o conto *Trabalhadores*, no início de 1977, no jornal Versus. Após o sucesso deste último e a procura de seus textos, o jornal pediu para que fosse publicado um conto por mês. Desse modo surgiram os contos que adornam esta obra.

Seus contos ficcionais retratam as relações entre os sonhos e os desejos dos migrantes no cotidiano do trabalho na região do ABC paulista. Em tom memorialístico, o autor utiliza narradores em primeira pessoa para dar uma proximidade da experiência vivida no período destacado. São memórias que vão desde sonhos, desejos e realidade, até condições difíceis ou mesmo situações de desconforto por parte dos operários.

Dividido em sete contos, Jatobá dá voz à grande dificuldade que nossa literatura possui em retratar e conceber as relações sociais e de trabalho do operário urbano. Diferentemente da peça *Eles não usam black-tie* (1955), de Gianfrancesco Guarnieri (2021), em que os trabalhadores são movidos em torno da greve, fazendo desta a sua protagonista. Abaixo, apresentamos um breve resumo dos sete contos como forma de introdução à sua obra, para posteriormente realizar nossa análise.

A Mão Esquerda é o conto que abre o livro. Nele, verificamos um migrante que procura condições melhores na cidade de São Paulo e é apresentado ao trabalho. O narrador começa a ter percepção geográfica entre os bairros, os automóveis e ônibus que passam a fazer parte da paisagem narrativa. O desejo do narrador se junta a uma primeira vista com certa nostalgia quando avistou a grande metrópole. As mulheres e as belezas se relacionam com a dor e as faixas brancas que envolvem a sua mão esquerda e anunciam a ocorrência que levaria a este envolto em sua mão.

Já em *As Memórias em Alojamento*, é abordada a questão do frio, as modificações na cidade e o impacto cultural. Vemos, também, a apresentação de condições precárias e de

subsistência que apresentam a desumanização do trabalhador, bem como momentos da cotidianas para além do trabalho.

Por sua vez, no conto *Pano Vermelho*, o narrador conta, através de uma ordem cronológica dividida por anos, as modificações que sofreu ao longo da sua vida. Tudo isso em meio as reclamações, perdas, mortes e crescimento. A personagem vê perder a fé, a força que encontra em seu diário anual, resumido com fatos e eventos que chocam pela síntese e problemática frente à cidade e ao trabalho. Por fim, de forma triste, esta personagem assiste ao filho mais velho a prosseguir as mesmas questões que as suas, talvez com a mesma ilusão que outrora o narrador o tivesse.

Em *Trabalhadores*, o narrador apresenta três personagens com o mesmo nome e destinos distintos em sua escolha, focando em um que se chamava somente João, diferente de João Jacinto e João Serafim. João narra o trabalho na fábrica; sua relação com o corte; desemprego; e o banheiro como fonte de informação e percepção das ocorrências pelo desgaste, deterioração e falta de perspectiva frente ao trabalho. Em confronto com esse cenário, o narrador apresenta o clima da cidade, distinto do seu local de origem. O transporte sempre falha e se encontra precário. Tem-se a noção da sua importância como mediador do trabalho que ocorria na fábrica. Sua história relata uma sobrevivência e uma lembrança diferente dos outros com quem cruzou, esquecidos ou mortos pela não passividade.

No conto seguinte, intitulado *Nos Olhos, Gases e Batatas*, a narrativa se desenrola frente às condições encontradas em meio a uma pensão habitada por trabalhadores de fábricas situadas em São Paulo. O relato mostra a dificuldade de tais trabalhadores frente ao processo de marginalização; à alimentação; e à realização de leitura. Tudo isso prejudicado por conta dos gases e das batatas poluídas em virtude do esgoto presente nas proximidades, levando à fúria e à ira da personagem principal.

Em *Duas Margens*, a personagem narra em terceira pessoa os acontecimentos de sua filha, engravidada a partir de uma relação amorosa entre patrão e empregada. Aqui, apresentam-se os contrastes culturais entre o meio urbano e rural. Como, por exemplo, os valores da virgindade, do casamento e da constituição familiar – em suma, da visão dos pais da personagem.

Por fim, em *O Trem, A Estação... Todos os Dias*, o narrador detalha o ambiente da circulação, em meio ao transporte rodoviário na cidade de São Paulo. O relato se encontra em meio as circularidades, mudanças e idas e vindas das pessoas que ali se encontravam com esperança, sonhos e desejos. Encontrando, também, quem se ia por não conseguir realizar suas vontades. Um contraponto de fechamento que, aliás, lembra o início do livro.

Após essa breve descrição da obra, passamos para o momento analítico. O objetivo aqui é descobrir como Roniwalter Jatobá rememora a vida operária em suas crônicas, bem como saber o que há de universal em tal rememoração. O autor é um indivíduo e, portanto, é a partir de uma memória individual que ele produz esta rememoração. Mas, além da memória individual, elementos da memória social estão igualmente presentes, através de leituras, conversas, filmes, entre outras possibilidades.

A memória individual, segundo Viana (2020, p. 99) “é o conjunto de lembranças que existe como uma consciência latente na mente dos indivíduos”. Nesse caso, rememorar traz de volta, ao evocar lembranças, a vida operária e seus problemas, dilemas; bem como os sentimentos, representações e outros aspectos relacionados. Veremos isso de mais perto nas análises que se seguem.

4.3.1 *A surdez dos dedos*

Em *A Mão Esquerda* o desejo do narrador, junta-se uma primeira vista com certa nostalgia, quando avistou a grande metrópole. As mulheres e as belezas se relacionam com a dor e as faixas brancas que envolvem a sua mão esquerda anunciam a ocorrência que levaria a este envolto em sua mão.

Assim, o narrador passa a contar sobre o seu trabalho na empresa como alguém fichado: seu nome (Natanael Martins), e o seu trabalho como ferreiro na empresa que se encontrava no rumo da Lapa. Natanael é jovem, solteiro, possui vinte e três anos e é filho de Elias e Marta Martins. Seu nome tem origem bíblica, referindo-se a “dom de Deus e indica uma pessoa que enfrenta o dia a dia com muito otimismo” (SIGNIFICADO, [2023]). O que tem relação com a observação no dom de Elias ferreiro e sua capacidade em se envolver com a produção e o otimismo pelas condições que eram apresentadas no cotidiano.

O dom de Elias é relacionado ao pai como um trabalhador incansável, incrível. Ele consegue forjar qualquer peça em seu trabalho árduo e intenso com velocidade e capacidades em meio às máquinas, as quais parecem diminuir o ser humano. Nesta primeira parte, o narrador demonstra a pequenez da máquina diante do humano e o seu ar curioso na busca de domínio desta, para aprender os truques e acrescentar na produção. A máquina, aqui, é algo a ser dominado. Ela é arisca pela visão dos outros, mas deslumbrante na visão de Natanael. Seu Ismael é o contraponto desta condição, apresentando o outro polo da prudência, do não controle e da preocupação e cuidado com o que pode ocorrer ao descuido, pois a personagem havia sofrido um acidente.

Fico lembrando a mesa da prensa pintada de tinta recente, azul, o molejo dela no sobe e desce e minha mão que ficou parada como mão de morto, mão de morto, pois nem veio no pensamento da cabeça aquela vontade e ligeireza de puxar a mão, fiquei na frieza de um homem morto, a mão recebeu a força das toneladas de peso, ainda vi a cor do sangue, os dedos esmagados, esfolados numa cor só, e fui vendo a morte, o medo de morrer que se fez sentir com os gritos que soltei, gritei, gritei de dor, raiva de acontecer aquilo, o grito ecoando nas outras prensas, homens correndo, vi, homens me segurando nos braços, segurando, agarrando minha cabeça que começava a pender de banda, vi, o assoalho lavado de sangue, fui vendo, vendo, sumindo, se apagando os homens, neblinando nas vistas os dedos sujos, nada mais vi. Depois, vi a roupa branca do enfermeiro, o olhar dele de dó, a minha mão parada, quieta ao lado do corpo, sem dor na hora agora, só pesada sem se bulir, um frio em todo o corpo de vento gelado. (Jatobá, 2006, p. 24).

Neste sentido, Seu Ismael e Elias Ferreiro são os lados da humanização e produção dentro do trabalho. Seu Ismael age como a parte que procura causar calma e agir como um pai ao narrador. Um fator preponderante na narrativa é o barulho, que atua como um inibidor de comunicação, gerando desunião entre os trabalhadores. O trabalhador não se sente ligado a ninguém. Ele aponta, na narrativa, que não se encontra com outros trabalhadores e suas percepções para Natanael.

Neste sentido, a disciplina e a prudência parecem ser a virtude a ser alcançada e o barulho o meio como as coisas devem ocorrer, distraindo ou gerando incômodo. O zunir tira a atenção e gera um desgaste ou, ainda, impede o cuidado de um com os outros. Os acidentes se acumulam e apresentam que a punição maior é o desemprego e a inutilização no trabalho.

O acidente trouxe traumas e sequelas ao trabalhador que não conseguia mais trabalhar, nem realizar alguma outra atividade, além de se culpar pela situação. A sua condição era semelhante à de inúmeros trabalhadores que sofriam acidentes que os impossibilitavam de trabalhar ou até mesmo os levavam à morte. O sofrimento do narrador é destacado pelos seus gritos que fazem todos parar, constituindo um momento de união o qual os operários parecem rememorar em meio a necessidade produtiva. Como aponta Cardoso (2019), o trabalhador se guia pelas necessidades de sobreviver. Ou seja, para vender sua força de trabalho pela melhor garantia de salário. As condições enfrentadas, os medos e as dificuldades são encarados como possibilidade de ganho.

Ao sonho interrompido, seja pela morte ou pela invalidez, o descarte do trabalhador é automático, sendo substituído por outro que fará a sua função, e que pode ou não padecer dos seus problemas. A narrativa demonstra a rememoração das dificuldades e de como o

trabalhador pode pagar até com a sua vida para atender aos desejos capitalistas das grandes multinacionais que exploravam a força de trabalho no país na década de 1970.

4.3.2 *Em meio ao frio, em meio ao calor*

Em *Alojamento*, segundo conto do livro, a narrativa se dá em primeira pessoa. Nela o trabalho referente a São Paulo demonstra a formação e a construção de uma cidade que parece crescer e criar o seu próprio ritmo. Isso nos relembra a intensa dificuldade em relação à dimensão do tempo, o que fica mais evidente na medida comparativa, quando é falado que se está há dois anos no espaço e se viu o aumento do número de trabalhadores. Aqui, este aumento é visto como uma necessidade capitalista, pois há uma expansão da indústria na cidade de São Paulo e região metropolitana. O crescimento gera as condições para que os trabalhadores sejam numerosos e realizem a circulação que se dá em várias regiões, a fim de atender a produção.

Aparentemente contemplador, o vigia aqui tem posição privilegiada, ao não ser cobrado para realização da mercadoria. Como um disciplinador, pode verificar as modificações que ocorrem no seu trabalho e no seu papel, com o aumento dos trabalhadores. O vigia consegue identificar que eles são migrantes e que necessitam de melhores condições e acesso. Nesse contexto, verificam a condição ofertada pelas grandes cidades como oportunidades financeiras, o que inclui ser um trabalhador fichado (CARDOSO, 2019). Contudo, tais oportunidades se esbarram nos altos valores de se morar nas cidades. Há um custo elevado para residir, delimitado pelo salário ofertado. Diante destas condições, o alojamento era uma das soluções oferecidas, apresentando-se como uma possibilidade de tentativa futura para um emprego melhor.

O termo “alojamento” não foi escolhido ao acaso, pois se trata de um espaço ou aposento que acomoda muitas pessoas. O espaço de um casarão que abrigava os trabalhadores tem a colocação do tempo imerso pelas horas que vão ora esvaziando, ora enchendo em comparação ao passado de observação do narrador.

Nisto, vale pensar sobre o papel do vigia. O controle da mão- de-obra era exercido pelos seguranças das empresas, os quais, dentro dos alojamentos, ficavam atentos a qualquer movimentação reivindicatória (Fontes, 2008). Assim, há um novo olhar sobre a condição de moradia do trabalhador que se amontava com outros. Tratando-se, neste caso, do migrante, que não possuía condições materiais para ter uma casa própria. Desse modo, ele se submetia

aos alojamentos. Percebe-se que há uma diversidade narrativa no que concerne o crescimento econômico e a expansão de consumo do trabalhador. Em outras palavras,

A memória social cria possibilidades de compor narrativas que podem revelar a diversidade da visão histórica, ajudando a compor narrativas diferentes. Ela também pode revirar e seguir os rastros de memória e lançar luz sobre comunidades, grupos sociais e traços culturais que estão ausentes da história oficial (Silva; Costa, 2020, p. 407).

A esta história se une a visão do vigia, que necessita disciplinar, controlar e até punir o trabalhador. Observando a condição que se encontra, apenas relata e demonstra que a união dos trabalhadores era frágil, pois, exauridos em função do seu trabalho laboral, pouco reivindicam melhores condições e aumento de salário.

O autor apresenta a dialética entre a morte e vida. A descrição da morte é a tese da pausa, reflexão e do silêncio. Nela, o vigia, que trabalha perto de um cemitério, observa as pessoas enterrando seus entes queridos e a finitude da vida.

A vida é a antítese da morte, pois se encontra em movimento e constante. O vigia observa a saída dos trabalhadores. Nesta saída, os trabalhadores desempenharão o serviço em nas localidades que forem designados. O barulho, a continuidade apresenta uma infinidade de situações que venham a ocorrer. A síntese desta leva a reflexã do vigia sobre a dinâmica da cidade e as várias relações estabelecidas entre diferentes pessoas em diferentes situações.

Ao rememorar tal situação de padecimento, o trabalhador e o narrador demonstram as dificuldades e relembram o ciclo contínuo que só expande, tamanha é a miséria. O que parece relevante é a sua satisfação passional e sexual, sem se importar se os trabalhadores irão se rebelar ou fugir da disciplina imposta. A necessidade e as condições ofertadas pela possibilidade de melhoria, junto de um trabalho intenso que exaure, dão condições possíveis para que falte espaço no alojamento para tantos operários.

4.3.3 *Em tons de vermelho*

O conto *O Pano Vermelho* apresenta vinte e quatro anos (de 1952 a 1976). Neste interim, o narrador rememora sua vida em relação ao trabalho, casamento, nascimento, morte e vida, os quais perpassam, também, pelo processo do ser humano nesta sociedade.

Ele apresenta a sua migração da Bahia para São Paulo, onde passa a trabalhar em uma indústria química. Ao migrar, o narrador percorre os desejos e as situações na nova cidade. Para combater a solidão, vai à Bahia e se envolve com Adelina, com quem concebe uma

família. Nesse contexto, a família se torna a linha que tece a narrativa. Tal como afirma Medina (2014, p. 131), “Na narrativa ‘O pano vermelho’ as lembranças estão centradas na convivência com a família, que é o principal grupo de referência para a organização da rememoração do narrador.” Assim, o âmbito familiar passa a ter um grande destaque, afinal, trata-se das experiências individuais do autor, do trabalho e das tragédias que cercam as lembranças deste. Esses elementos passados pelo narrador podem ser vistos na seguinte passagem:

1958 - Puxei mais um quarto. Adelina ajudando, Reinaldo se lambuzando de barro, a casa tomando outra forma. Outras moradias começavam a levantar em volta. Adelina no entrar de setembro foi operada. Ave-xei: cuidei da casa, saía cedo pra fábrica, voltava no rastro, pedi ajuda, os poucos vizinhos favoreceram (Jatobá, 2006, p. 38).

As tragédias ocorrem por meio de mortes como a de seu pai, que cuidava de gados em Bananeiras, a da mãe de sua esposa e a de sua esposa. Seu lugar de esposa gera destaque, inquietação e desilusão por parte do narrador que ora guarda este conflito, ora vai sozinho para sua cidade natal. A morte da personagem é o fim deste conflito do narrador com seu vínculo passado e a busca por sobrevivência num contexto presente, no qual pode dedicar-se e se realizar sem as contradições e sua condição de migrante.

A segunda morte seria a da mãe, um corte umbilical e local dentro do conto. O título faz referência ao seu pano vermelho que, ao pressentir a sua morte, produz com ele um vestido para ser utilizado quando morresse. A morte desta figura representa o corte da ligação que existia entre a cidade natal e a procura na rememoração deste momento. O impacto do acontecimento traz consigo as dificuldades da figura feminina em lidar com as perdas no processo de sua constituição. A palavra “pano” vem de “tecido” ou “entrelaçar”. Neste aspecto, no sentido do laço do narrador com a sua mãe e como esta é singela, delicada junto da colocação vermelha que vem no sentido popular e imagético em referência à paixão, ao amor e ao desejo. O narrador quer manter contato com a sua mãe em virtude do laço da relação maternal, o que é reforçado por evento pessoal – a morte de um possível filho – no ano anterior, debilitando tanto ele como sua esposa.

A migração torna-se uma construção do passado, uma mera rememoração da afetividade que retorna, vive e se dissipa. Com a morte do pai e da mãe, a ida à cidade passa a não ocorrer, pois não há nada que vale ao narrador para relaxar, sossegar ou mesmo sentir-se num contexto familiar como outrora. A morte da esposa corta o vínculo deste com a

lembrança de ida ao local ou à fonte de inquietação e desejo de um lugar ao qual este não mais pertence.

Neste novo lugar, São Paulo, o narrador vê a constituição de sua família e de sua realização. Aqui, é perceptível o acesso ao consumo quando o filho Reinaldo, com 8 anos, começa a trabalhar e consegue comprar uma televisão (Jatobá, 2006, p. 39). À construção da casa e da cidade acrescenta-se a melancolia, no sentido de que o “ter algo” não passa por felicidade ou realização.

Como, por exemplo, na seguinte passagem: “Me ofertaram uma medalha pelos vinte anos de trabalho. Reinaldo brincou: ‘O que vale isso, pai?’ Respondi: ‘num brinca com as coisas do governo!’ Guardei a medalha num malote, outro dia, vi: enferrujada” (Jatobá, 2006, p. 41). O trabalho ofertado só teve a condição de trabalho, o salário e a sobrevivência. O valor da medalha era o mesmo que sentia com relação a sua vida em que não possuía o valor e os sacrifícios por ele ofertado ao longo dos anos. A espera de uma nova vida é a possibilidade do prosseguimento do ciclo da vida mesmo em tantas tragédias.

4.3.4 *Trabalhadores, sofridos*

Em *Os Trabalhadores* é apresentado o narrador só denominado como João que encontra outros dois Joãos: João Jacinto e João Serafim da morte do verso. O nome João se caracteriza na narrativa como um qualquer, reduzindo o trabalhador a só “mais um”.

Ao passo que avança em meio à estação, João começa a sua saga que passa por São Miguel Paulista, lado leste da cidade de São Paulo. Após oito dias em sua peregrinação, rumo para o lado sudeste da capital paulista, no bairro do Brás, em busca de emprego⁸. Em meio à fome e à ausência de direção, João enfrenta as incertezas e os dilemas que rondam as suas necessidades em sobreviver e trabalhar. Quando consegue um emprego, começa a corrida em torno de exames e as promessas de pagamento àqueles que ofertaram ajuda em São Miguel Paulista.

O narrador passa a conviver com a fiscalização do seu trabalho por parte do feitor. Isto era uma forma de controle do trabalhador no ambiente do trabalho, impondo uma lógica e disciplina para atender as demandas lucrativas da fábrica.

Contava e recontava peças de carros, as vistas embaralhando nas peças miúdas. E aqui vou empurrando logo cedo o carrinho cheio de peças pra

⁸ Aqui se repete a tendência de migrantes procurarem novos bairros para além dos bairros tradicionais aos operários. Criou-se um povoamento migrante na região de São Miguel Paulista, enquanto a população estabelecida de imigrantes no início do século XX povoaram a região do Brás.

montagem final. O carrinho pesando na subida do pátio, entrando à direita, em frente, entregando tudo ao feitor da montagem, fumando, observando, vestido na capa azul. Enquanto conferiam e tiravam as peças de dentro do carrinho, apreciava. A linha final da montagem corria, o trabalho febril, ligeiro, sem tempo nem pra pensar nos problemas, corrido, se alguém queria ir ao banheiro levantava o dedo, gritava ao feitor pedindo, num olhar do feito já vinha outro substituir, esse outro chegava, tomava o lugar, o que tinha pedido saía correndo pro banheiro, corria entre as máquinas, tropeçando, descia as escadas, lá fumava, um cigarro enquanto mijava, o feitor lá em cima de olho grudado no relógio, terminava de mijar, acabava de fumar, falava um pouco do serviço de louco, voz baixinha, pois o facão ainda permanecia, voltava no rastro e assumia o seu posto. Eu voltava empurrando o carrinho ladeira abaixo, vazio, chacoalhando (Jatobá, 2006, p. 48).

Para um melhor entendimento do que foi exposto, mobilizaremos o conceito de burocracia e a sua atuação no capitalismo. A burocracia atua na garantia da realização, fiscalização e imputação da produção aos trabalhadores.

Por isso, um salário garantido em dinheiro, em conexão com a possibilidade de uma carreira que não depende puramente do acaso e da arbitrariedade, da disciplina e do controle enérgicos, mas que respeita o sentimento de dignidade, além do desenvolvimento de um sentimento de honra estamental e a possibilidade de crítica pública, oferece, segundo toda experiência, o ótimo relativo para o estabelecimento e a conservação de uma mecanização rigorosa do aparato burocrático, e, sob este aspecto, ele funciona com maior segurança do que qualquer escravização jurídica, pois uma forte consciência estamental dos funcionários não apenas é compatível com a disposição à subordinação, incondicional aos superiores, mas [...] é consequência desta, por equilibrar o sentimento de dignidade pessoal dos funcionários. O caráter profissional puramente “objetivo” do cargo, com sua separação, por princípio, entre a esfera privada do funcionário e a da atividade oficial, facilita a adaptação às condições objetivas fixas dadas, de uma vez por todas, do mecanismo baseado na disciplina. (Weber *apud* Protetti, 2021, p. 267-268).

Na citação anterior, vimos que Weber percebe o papel das funções burocráticas nas relações com o trabalho e como isto cria uma certa consciência e defesa por meio do capitalismo como fenômeno resultante deste, não sendo desassociado de seu processo. Em suma, a burocracia procura se manter por meio da imposição e do ordenamento, se valendo do seu caráter ideológico. No interior dessa discussão, Viana define a burocracia e o burocrata do seguinte modo:

A classe burocrática possui um modo de vida comum. Este é o modo de vida burocrático, marcado pelo dirigismo, formalismo, tecnicismo, regras escritas, hierarquia, normativismo, controle. O burocrata vive para dirigir as organizações da qual faz parte. A sua função é exercer o controle para reproduzir a organização e os objetivos desta, mesmo quando tal objetivo é a

própria autorreprodução. E por isso o burocrata é aquele que se preocupa e se dedica a garantir tal reprodução e faz isso cotidianamente, através de reuniões com subordinados (onde se repassa as decisões superiores, toma-se decisões secundárias – ou não, dependendo do caso, etc.), manutenção da hierarquia (sempre solicitando o atendimento das exigências e normas impostas pelos burocratas superiores), controle (vigilância, supervisão, punição, etc.), elaboração das normas ou adaptação a elas quando a burocracia superior o decide (leis, regimentos, etc.) ou seu repasse para a burocracia inferior (que por sua vez faz o repasse para os dirigidos), comando das relações sociais no interior da instituição, etc. Estes e outros elementos do modo de vida burocrático geram interesses comuns, bem como disputas interburocráticas. Os interesses gerais da classe burocrática, comum a toda a burocracia, é a burocratização, ou seja, a ampliação de cargos e do controle. Desta forma, a burocracia busca concretizar seus interesses e para isso encontra o obstáculo de outras classes sociais e dos dirigidos. Assim, a burocracia efetiva uma luta comum com outras classes e grupos: os dirigidos em geral, que variam de acordo com a organização. O fundamental é a luta contra outras classes. A burocracia estatal pode ir contra os interesses da burguesia ao criar excesso de cargos e aumentar a despesa pública, bem como aumentar a corrupção, etc. ao invés de investir onde é interesse do capital ou então quando congela os salários e entra em conflitos com as classes trabalhadoras (proletariado, subalternos, etc.). O aumento do controle pode gerar a insatisfação e resistência dos dirigidos, tal como no caso de fábrica capitalista na qual se aumenta o controle dos operários, que tendem a resistir e entrar em confronto com a burocracia empresarial (Viana, 2018, p. 20-21).

A burocracia atua aliada à burguesia e como classe auxiliar, procura conservar e inibir por meio do seu controle as ações da classe trabalhadora. Esta controle auxilia para que os burgueses possam demitir, recontratar e contratar funcionários ou mesmo desacelerar a produção sem que possua prejuízo. Por meio destas ações, a classe trabalhadora se torna vulnerável e fica a mercê das condições que lhe se impostas. A burguesia neste caso, passa a causar o desconforto do desemprego que quando realizado, gera a incerteza do futuro para com as condições que são concretas à sobrevivência dos trabalhadores como alimentação, água, luz, moradia etc,

Quinze dias depois o facão veio. Sem piedade. Cortante. O primeiro a ir embora foi Juvenal, que tinha dois dias de trabalho, entrou quando a pessoa que lhes conta essa história fez duas semanas de carteira fichada, ele trabalhou dia e meio, pois o resto do segundo Juvenal passou no departamento pessoal choramingando que o dinheiro que ele tinha gasto com os exames era o último, verificassem direito se não tinha havido algum engano, não podia ser ele!; confirmaram, pois era, um guarda gordo da portaria veio buscar ele, ele passou por nós de cabeça baixa, botaram pra fora da fábrica, quando saiu todo mundo no fim da tarde ele ainda tava lá encostado no portão, xingando a mãe dos diretores, a mãe do guarda, nos acompanhou reclamando, que fazer agora?, aluguel como pagar?, tal e tal. (Jatobá, 2006, p. 47).

O medo da demissão convive constantemente para com os trabalhadores. Isto se dá, pois parafraseando (Viana, 2020) o desemprego surge no modo de produção capitalista, pois é, neste modo de produção, que há a necessidade do controle e da constante insegurança no trabalhador. O desemprego acarreta como uma maneira para criar um exército de reserva ou jogar o trabalhador a uma condição de miséria ao qual aceita as condições que lhe são impostas. Por meio desta situação, a burguesia pode ofertar mais ou menos desemprego a depender de suas necessidades. Isto está ligado a radicalidade e demandas da classe trabalhadora que ora se acirram ou se amortecem a depender dos interesses burgueses.

O narrador que convive com o desemprego e os constantes fôcos, passa a ocupar um cargo de verificação da produção com seu carrinho. A medida da produção auxilia nos cortes a serem realizados e exerce um controle da produtividade. Ao fim, o narrador sai da empresa e procura novas condições e nisto ocorre o rememorar de quando chegou e a procura exercida para se ver empregado. Fazendo assim, parte do fluxo de mudanças e tensões que acarretam aos trabalhadores, mas, neste caso, por uma decisão sua.

4.3.5 *Ao cego, as batatas*

Em *Nos olhos, gases e batatas...* o narrador percebe as condições ruins do quarto e a descrição deste onde se mistura o horror, o nojo e a sensação de desamparo por parte do narrador. Com o olhar, o narrador descreve e apresenta como essas condições se entrelaçam com os residentes no quarto e, por meio deste, verifica-os.

O primeiro a ser falado é Paulo, um servente que sai às quatro e meia para o seu trabalho, apresenta um olhar cabisbaixo e de poucas palavras. Jacinto é ajudante na empresa Goodyear, onde auxiliava na produção e reclamava do salário “ser uma merda” (Jatobá, 2006, p. 62). Antônio é servente nas empresas Matarazzo e tem um do seu feitor na fábrica. As informações são inseridas pelo olhar em que Paulo tem do ambiente, o olhar de Jacinto para o seu salário e o olhar de Antônio para com o feitor. O narrador progride nesta descrição entre a paisagem da cidade, suas distâncias e seus olhares. Enquanto a paisagem adorna e contorna a ida ao trabalho, há o confronto de homens para com outros homens que tem o poder repressivo e intenso da lei.

Mesmo fichado ou com a comprovação da carteira, a sensação de solidão e desamparo toma conta dos debates acalorados movidos por músicas de Roberto Carlos.

Partilhar este momento só é possível no local reconhecido, observada a ausência de qualquer vigiar ou controle.

O controle exercido pela disciplina é uma colocação já feita por Egard Decca (1982) ao perceber que os métodos colônias já produziam um controle e coerção dos escravos e que estes foram introduzidos no cotidiano das fábricas por meio do controle do tempo e do trabalho como forma de criar um fluxo contínuo de produção. Ao se ausentar da fábrica, o controle do tempo e do lazer passa a ser do órgão repressivo do Estado que atua para garantir a normalidade da circulação do operário.

Jatobá rememora ao leitor, por meio das ações da polícia, a ditadura militar e como esta impunha medo, censura e a repressão de algum desvio que não fosse o normal. Ao relembrar a ditadura militar, a obra dialoga com o desconforto dos anos de chumbo e como este promoveu a perseguição no cotidiano das grandes cidades sem ao menos citar ou ser incisivo, pois isto o é acessado por meio da contextualização da obra.

Este trabalhador passa a perceber e verificar a repressão, mas, ausente de organização e luta, se sente aquém em tamanha ação. Aqui, portanto, o capitalismo age com seu interesse em controlar qualquer esfera da vida do trabalhador, para que este sinta o desconforto em todas as suas condições, tornando-se incapaz de mudar o seu destino. Os olhos observam e conseguem, como uma inversão, coletar informações que faltam do todo e que pouco introduzem nas mudanças necessárias.

O prazer no olhar se junta à necessidade, já que o narrador trabalha em indústria química e tem contato com os gases. É com este contato que o personagem passa a perceber um grande perigo, a saber, a perda da visão aparente ou momentânea. Trata-se de um duplo risco apresentado. O primeiro condiz em observar, ver e ter contato com o mundo, as informações que são fornecidas pela visão e que concebem uma novidade. O segundo condiz com a necessidade do trabalho, e a perda da visão promoverá a incapacidade do trabalhador em prosseguir.

O trabalhador é, portanto, descartável e utilizado de forma sádica para os anseios capitalistas e seus interesses, mesmo que custe um órgão ou a vida deste. A tontura, o enegrecer e a perda da visão condizem com a perda daquilo que é importante, a realidade ou o conhecimento que se encontra. O retorno só é possível graças à inserção de um vegetal, a batata, que absorve e retira as toxinas. Ela realiza, em suma, o bálsamo, o ato de aroma e cura por parte do tubérculo. A saída da indústria em cegueira e o destino incerto passam a conviver as incertezas referentes ao que virá a ocorrer caso a batata falhe.

Terça de manhã, o quarto: o quarto girando na cabeça tonta, lá pelas dez começava a tomar vida das coisas ao redor, desturvando, aí já podendo ver as pernas das moças coladas na parede, a luz infiltrando da janela, desturva os olhos, agora já no costume das vistas boas. Fora, da rua o barulho do dia. Vinha o sono. E dentro do sono, madorna, vinham as palavras de Paulo, a muita sabedoria dele que ele aprendia no silêncio, ditas pra todos ouvirem nos domingos, arrodados na mesa.

E ele veio naquele jeito calado, costumeiro, e disse que ia chegar um dia, não longe, que ia me dar coragem e vontade de arrancar dos olhos

o gás,

a batata fétida e crua e preta que todo dia se pendurava aqui
(apontou o dedo rumo aos meus olhos)

E ia arrancar a corrente que me amarrava ao lado do tacho coberto de
química, de sangue.

E ia arrancar, com raiva atrasada e vingança, os postais a cores de mulheres
nuas que me rondavam e entupiam as janelas durante o dia e noite
na pequenez desse meu quarto (Jatobá, 2006, p. 63-64).

Contudo, a batata restabelece a condição do trabalhador e esta rememoração demonstra as dificuldades e as incertezas as quais eram submetidos. O medo da cegueira revela certa união com os outros trabalhadores, que tentam demonstrar que aquele sacrifício não valeria a pena e um dia ele poderia perder a visão. Isto pode ser interpretado como um apego social ao trabalhador, uma preocupação com as condições de seu trabalho e suas possíveis consequências.

4.3.6 Caminhos felizes

No conto *Duas Margens*, o narrador apresenta a dificuldade de sua vida, ao informar que a filha perdeu a virgindade para o “homem de posses” (Jatobá, 2006, p. 65). A honra é inserida como um fator alicerçado naquela sociedade. Além disso, medido pela condição monetária financeira, o valor desfavorece os mais pobres e os colocam numa condição de descrédito.

Depois dessa descabeçada de Dalva, fui pensando, imaginando na lei que pendia dum só lado, Adelina chorava nos cantos e tresvariava parecendo ver Dalva, filha mais velha, nunca casando com aquela honra de moça desviolada, mas não, eu no muito pensar só via a miséria: a lida muita de sol a sol sem trazer alento nenhum em casa; fim de tarde, sentindo as costas latejando pelo cabo de enxada no capinar sem muita parada; os meninos crescendo, cada qual tomando forma de homem e todos andando pelas ruas à cata do que fazer, sem nada achar; na noite, depois de muita labuta, vendo Adelina soprando o fogão fumegando, onde dias nem comida tinha, os meninos de olhos pidões, acorados pelos cantos com rostos esfomeados (Jatobá, 2006, p. 65).

O desconforto do narrador o faz se mover em direção a uma nova cidade, com novas condições de sobrevivência, mas sendo mais um em meio à multidão. O desejo de ficar invisível, longe de fofocas e dizeres, junta-se à gravidez da filha, à fome dos filhos e à dificuldade da esposa em meio à penúria.

O nome dela é Dalva, podendo se referir a “branca” ou “da manhã”. A manhã traz o nascer do sol, o recomeço, a novidade. A personagem necessita de um recomeço e o narrador deseja recomeçar a vida migrando para uma nova cidade. A saída de sua terra demonstra as os obstáculos enfrentados pelas personagens que passam a viagem em inúmeras dificuldades e incertezas até que chegassem ao destino final.

Jatobá repete o nome “Adelina” Aqui percebe-se a repetição de um nome: “Adelina”, que não se apresenta como a nobre serpente que se insere em *Pano Vermelho*. A personagem demonstra um temor de mãe, cuidado e um toque amigável e leve para a condução à passagem do narrador. Logo, a tensão existente na narrativa se dá entre o narrador e sua filha “Dalva”. Ela precisará organizar sua vida e demonstrar que o recomeço não afetará sua honra. A honra passará pelo trabalho no bordado, entrelaçando, aqui, a vida à sobrevivência e possibilitando o recomeço.

Aos outros filhos, o cuidado é para com a sujeira e a penúria, mantendo a honra e o cuidado para não cair na valeta. A sujeira encarna uma dupla condição: a do corpo, que pode ser resolvida com banho ou limpeza; e a manutenção de uma aparente limpeza em suas vidas, para que não ocorra o mesmo que a filha mais velha. A queda na valeta seria voltar ao mesmo processo que gerou a saída, a perda da honra e da limpeza de si. Com a novidade de sua vida, o acesso ao bem-estar e ao consumo tornam-se possíveis.

Dalva, ao trabalhar e se inserir socialmente sem a perseguição que sofria no interior, pôde dar uma televisão à família. A partir disso, o narrador rememora a cidade que vivia e passa a fazer uma comparação com São Paulo: “[...] os meninos entram para assistir desenho na televisão que a Dalva no primeiro mês de firma comprou a prestação, ou quando escuto algum vizinho reclama das filas do instituto, da demora muita no atendimento, me vem a lembrança de lá que nem isso tinha, me alegre” (Jatobá, 2006, p. 68).

A alegria descrita se dá pela comparação em relação às dificuldades no interior do país. No caso da capital paulista, são referidas as condições de difícil acesso da população mais pobre ao básico e o tamanho da cidade, que já se encontrava em intensa expansão, com um aumento populacional em função dos migrantes. Nisto, o narrador apresenta com carinho a vontade de dizer a todos da sua cidade as condições que vive e como teve sorte. Há um apelo

social de melhorias aos migrantes, para que estes não necessitassem ir a outras cidades terem acesso a boas condições de consumo e sobrevivência.

4.3.7 *Tantas rotas*

A estação de trem reserva o encontro no salto que se dá em seu desembarque e embarque. Neste processo de rostos desconhecidos, as ações, as sensações e as percepções que se entrelaçam no ser humano. O conto *O Trem, A Estação... Todos os Dias*, portanto, trata da condição do trabalhador em relação à sua circulação para chegar ao destino do seu trabalho. Na estação, há um fluxo contínuo de pessoas que vão aos seus locais em que são empregados, demonstrando a circulação dos trabalhadores que por horas se ausentam de sua residência para se dedicar aos seu trabalho. Isto implica as dificuldades em conseguir melhores condições no meio de transporte ao ponto que o narrador sente a sorte com um trem-passageiro que se encontra vazio.

O narrador demonstra as impressões com seus grupos de amigos, que vão marcando a narrativa nos acontecimentos ao longo o ano. Não por acaso, o título do conto remete à expressão “todo dia”, que gera uma impressão cotidiana, repetitiva e ausente de novidades. As estações e os trens; o ir e o sair dos trabalhadores, que se esbarram nas estações com destino a variadas regiões da cidade. As linhas e estações remetem a memórias como é possível constatar na seguinte passagem:

Tinha Vista de Longe:

Toda manhã, Duca, Tino e eu, a gente pegava os bодоques e ia pelas matas do coronel Gerícilio jogar balas de barro em passarinho, treinando a pontaria em calango verde, e sem pressentir, caminhando, conversando, contando vantagens de coisas passadas, no prosear se chegava ao morro de Olho-d'Água, e de distante ficava olhando a linha de trem da Leste Brasileiro coberta de mato...

Vinha dia de sorte:

Passava algum trem-passageiro vazio de gente, apitando nas curvas, espantando jegues, e bois, e vacas, e cabritos que pastavam o capim verde na beirada dos trilhos.

Parecia perto nas vistas boas:

A maria-fumaça resfolegava nas subidas do morro quando ela passava uma vez, no muito duas vezes, agora, por semana.

Pai contava:

Do tanto vistosa que era a Leste Brasileiro, os trens passavam limpos, máquinas novas, gente até vinha de Bananeiras na apreciação, os homens ferroviários cuidavam dos trilhos trocando dormentes, lá, limpando o mato que teimava em nascer no meio da linha, eles orgulhosos em trabalhar naquele lugar; mas agora os trilhos estavam se enferrujando, mato crescendo e na passagem aquele rastro de fumaça preta que se some logo mostrando a miséria da estrada e dos homens, vistosos um dia aqui na lembrança que vem definhando juntos desde há muitos anos atrás.

Gosto de sangue na boca:

Um dente sangrando, doendo no alto da boca, entrei no trem da Estação da Luz arrastando a mala. Vinha cheio, não muito, encostei junto à porta e perguntei pela Estação do Brás, o homem ao lado disse que quando logo chegasse perto mostrava, avisava e assim foi. Desci no Brás mais me informando, São Miguel é onde? Como é que se chega lá?; a mala nessa caminhada toda pesando, a praça da estação cheia de gente nesse domingo de dezembro, todos vestidos de roupas boas e prestei atenção nas minhas vestes. As minhas mãos suavam em ver tanta gente com o mesmo jeito na fala, mas nenhum conhecido, todo mundo, eu sabia, tinha vindo do nordeste afora, de outros estados, na procura que arrasta todos nesse mundo. [...] (Jatobá, 2006, p. 70-71).

A via férrea federal é representada nas histórias iniciais, de *Tinha Visto de Longe* até *Pai Contava*. A rememoração da via como parte do cotidiano do narrador dá um ar de intimidade. Não sendo qualquer ferrovia, mas a Leste Brasileiro, uma linha federal que passava por alguns estados do nordeste. Tratava-se de uma linha que possuía trechos de interligação entre os estados, passando a ser uma via rápida para o migrante que, num fluxo intenso, chegava a dois por semana. Enquanto estes apresentam um aspecto íntimo do narrador, em *Gosto de sangue na boca*, a história passa a demonstrar a dificuldade do migrante.

Mesmo reconhecendo os sotaques presentes, ainda há uma dificuldade no reconhecimento e identidade do lugar. Aqui, cabe pontuar que a estação seguinte à da Luz é a estação do Brás. Há, portanto, uma referência ao antigo bairro que abrigava imigrantes de origem italiana, que tinham o mesmo jeito, mas se desconheciam. Como uma passagem entre o velho e o novo. O trabalhador se encontra desconhecido no que antes era sua estadia e começa a perguntar sobre São Miguel. A região passa a ser o novo destino dos trabalhadores que emigravam do Nordeste. Jatobá rememora o leitor como o trabalhador não tem identidade nem mesmo com um antigo bairro operário.

A necessidade de sobrevivência oferta a tragédia ou a esperança como um processo de antítese entre o desejo e a realização, o sonho e a realidade. Ao indivíduo, cabe a punição,

caso este processo seja levado de maneira muito otimista ou pessimista. À família, pode ser tanto a punição pela não adaptação, quanto a redenção em uma nova vida – em relação aos que descem da estação de trem em busca de morada e oportunidades.

4.4 A vida operária como ela é

Ao rememorar a obra de Roniwalter Jatobá, o leitor é colocado a refletir os fenômenos sociais dos migrantes que compunham que se encontram pouco evidentes sobre a classe operária brasileira na década de 1970 e, caso fosse mais bem estimulada.

Ao papel da análise cabe salientar a dinâmica existente naquela sociedade e como isto se refletiu na obra. Isto demonstra que as dinâmicas que compõe a migração ocorrida, em virtude do trabalho, produziu outras necessidades e desejos nos trabalhadores. Ao saírem com otimismo da localidade em que estavam, a sua grande maioria encontrou, na cidade da obra trabalhada, condições degradantes, de más condições e muitas dificuldades.

Parafraçando (Arantes, 1992) há um sentimento de dialético na construção de nossa literatura e que compõe o nosso horizonte. A esta tese que vindora temos o trabalhador sendo deparado com as condições escassas de sobrevivência. A formação do trabalhador em meio a precariedade está bem retratada nas obras do movimento regionalista brasileiro se concentrou na região nordeste.

As relações de desumanização social compõe uma formação da literatura brasileira algo já apontado por Candido (1975); Bosi (2006) em suas análises. Contudo, as análises de nossa formação abarcam, em sua maioria, as condições do meio rural. A personagem se desumaniza, pois as condições sociais, econômicas a serem trabalhadas na região nordeste são distintas das outras regiões. A seca, a morte, a procura constante para sobreviver em meio a escassez são traços que caracterizam a dinâmica destas personagens.

A migração é constante e as dificuldades recorrentes como em vários romances brasileiros como *Luzia-Homem* de Domingos Olímpio e *O Quinze* de Rachel de Queiroz que abordam os padrões, inversões sem o clássico *Os Sertões* de Euclides da Cunha que de tão potente, caracterizou frases marcantes sobre o sertanejo sendo referência famosa para descrever os nordestinos. Há uma ordem de aceitação e naturalização das condições que formam este trabalhador e que ele deve se sujeitar a esta dinâmica. Esta relação provocada por inúmeros fatores, é uma forma de apresentar a resiliência e a capacidade de sobrevivência da personagem. O confronto não é aceito, somente a saída da terra ou a procura na amenização das condições provocadas por fatores externos como a seca, a fome etc.

Entretanto, quando as personagens se revoltam nas condições impostas, “Fabiano” ele é preciso por atacar um soldado e pronunciar palavras incomunicáveis. A esta antítese, o trabalhador rural que se forma em nossa literatura é incapaz de avançar além de uma consciência de necessidade, desejo e condições pelos limites que lhe são dados. Não significa os limites vistos e encontrados em nossa sociedade ou mesmo os limites dos autores, mas o limite delimitado nas obras ao papel desta personagem.

Esta só consegue produzir e sedimentar relações em que seu trabalho seja necessário para que venha existir. Portanto, o trabalhador rural apenas existe enquanto houverem condições. Quando as condições passaram a sofrer por situações que escapam ao controle do trabalhador, este procura outra localidade para garantir a sua existência. Contudo, quando este passa a confrontar, haverá dinâmicas na busca para a sobrevivência. A mínima consciência de luta e confronto estabelece uma relação de retirada do medo e o acréscimo da coragem. Esta rebeldia é punida por meio de prisões, ameaças, coerções e até a morte. Logo, a condição do migrante em determinado momento de nossa literatura era a busca na redenção pelo existir ou a procura do confronto para a sobrevivência.

Nisto, as *Crônicas da Vida Operária* de Roniwalter Jatobá se torna pioneira e relevante. As personagens, agora, estão migrando para o grande centro urbano e industrial brasileiro. Há um outro contexto caracterizado por uma maior ampliação das relações de trabalho por leis trabalhistas, uma dinâmica industrial e condições de sobrevivência e abundância. Neste caso, o trabalhador não procura a grande porção de água, ou preciso encarar a cidade com hostilidade, a oferta de trabalho é real e a uma aparência de melhoria para tais trabalhadores. O contexto histórico marca a inversão na constituição social do país que passa a ter a maior parte de sua população localizada nas cidades.

Jatobá, portanto, consegue captar estas mudanças que vem ocorrendo no país e tem a sua força no migrante nordestino. Este migrante que se encontrava migrando em sua região de origem, passa a encarar a região sudeste na procura da sonhada da carteira de trabalho e melhores pagamentos. O eldorado brasileiro estava mais para miragem do que um oásis em meio ao deserto. A cidade era mais cara para sobreviver, as condições insalubres e a desigualdade social intensa.

Se antes o medo era não encontrar água para prosseguir a existência de sua vida, agora o medo retratado é o desemprego. A falta de dinheiro gera a escassez e pode levar a inexistência ou mesmo a morte. O dinheiro já fora retratado na nossa literatura por parte de alguns livros, porém em nenhum deles, o trabalhador em questão é um proletário. Seja um em *Os Ratos* de Dyonélio Machado ou mesmo em *Angústia* de Graciliano Ramos, o que se lê é

um funcionário público ora refletindo em como irá conseguir o dinheiro para a garantia do fornecimento do leite ou o rompimento mal resolvido no passado acerca de um noivado. O dinheiro é o mote principal das relações nas histórias e não relação que estas personagens tem para com o seu trabalho.

Logo, a divisão social do trabalho, que também permeia a relação do escritor com a obra e a sociedade, se apresenta também na maneira de produzir a literatura. A característica principal é a relação entre a forma e o conteúdo que fora produzido. As *Crônicas da Vida Operária* de Roniwalter Jatobá não tem a intenção de ser militante ou crítica como coloca o autor, mas apresenta elementos críticos, dinâmicas sociais específicas e uma posição em retratar o trabalhador.

Neste aspecto, iremos pautar no conhecimento da forma e do conteúdo. Parafraseando (Konder, 2013), a forma e o conteúdo são necessárias para a literatura, pois é nesta que podemos realizar a análise, conceber rupturas e caracterizar certas colocações acerca do processo estético.

Logo, a forma utilizada é o conto que uma forma narrativa e presente com características como personagens, clímax, enredo, brevidade, desfecho, moral etc. Cortazar (2007) é bastante conhecida e introduzida na literatura brasileira. Logo, a forma não apresenta um rompimento, uma novidade ou mesmo alguma distinção com o conto em sua tradição.

Contudo, o seu conteúdo é novo e apresenta um rompimento com a tradição da literatura brasileira que tratava do trabalhador rural ou do funcionário público. Ao apresentar o trabalhador urbano e seu cotidiano, o autor introduz, de fato, uma literatura proletária. O operário passa a figura central dos dilemas das constantes aflições que cercam a narrativa desenvolvida. O rompimento no conteúdo apresentado, permite ao leitor vislumbrar e se aventurar no contexto inserido da obra, as contradições enfrentadas pelos trabalhadores e a dificuldade que os migrantes possuíam ao se adequar a dinâmica da cidade ao qual migravam. Alinhado a isto, impõe-se o medo do desemprego, o salário e as condições de sobrevivência e de salubridade à época.

O trabalhador migrante em Jatobá apresenta uma consciência muito mais intensa das relações de trabalho e procura agora não confrontar ou procurar a abundância. O modo de produção capitalista se sedimenta e se impõe como a única maneira possível ao trabalhador em conseguir sobreviver e existir na cidade. Àqueles que não se encontram hábeis ao trabalho, são descartados do processo e passam a conviver com a miséria ou os bicos para manutenção da vida na cidade.

A ideologia propagada ainda se tem apegada aos trabalhadores migrantes de que as condições, quando atingidas, garantem o sustento e até pensar em algo além como mandar dinheiro para familiares ou mesmo constituir uma família. Aqui, o sonho é apenas um desejo que, ao ser confrontado com a realidade, torna-se um suspiro que pouquíssimos irão realizar, um breve suspiro em meio ao fim.

Ao olhar para o presente, a sociedade brasileira e o proletariado passaram por inúmeras modificações no tange ao Brasil. A sociedade brasileira saiu da ditadura e passou a conviver com a democracia representativa, houve uma nova Constituição além de ciclos e crises econômicas e sociais caracterizadas pelo regime de acumulação integral e o neoliberalismo (Viana, 2009). O proletariado brasileiro teve participações mais radicalizadas na final de década de 70 com as greves da região do ABC e greves esporádicas ao passar do tempo.

A cooptação dos sindicatos, a fragmentação dos trabalhadores e a redução na crítica ao capitalismo faz com que, hoje, o sentimento seja de desolação e pouca resolução do cenário. As estas contradições apresentadas e os dilemas para a classe trabalhadora, há, ao menos uma possibilidade. A via revolucionária que se daria em uma sociedade autogerida, em que o tempo estará em função das necessidades sociais e individuais.

Com isso, não haverá posição passiva ou contemplativa da realidade, e os livros não precisarão dar dicas sobre como ter posições melhores ou dicas de sucessos, nem mesmo precisarão ter preços fixados. Na sociedade que emerge da miséria e prossegue nela, torna-se um dever de todos que o fim seja colocado, com a inserção universal do homem para com sua natureza.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação teve como objetivo trabalhar a relação entre memória e trabalho ao analisar a obra *Crônicas da Vida Operária*, de Roniwalter Jatobá. Buscou-se, com isso, relacionar a memória referente ao trabalho. Ainda é preciso muitos estudos na área da memória no que tange a literatura, de maneira a analisar sua forma e a narrativa ficcional neste texto. Grande parte dos trabalhos existentes se encontra subordinado à área da história, a qual se utiliza da literatura para corroborar determinados fatos históricos. A comparação entre as obras e os costumes, se diferencia pelo conteúdo. Se em *Brás, Bexiga e Barra Funda* Alcantara Machado procura descrever os elementos presentes entre as personagens, em *Crônicas da Vida Operária* Roniwalter Jatobá procura desenvolver a atuação destas personagens no espaço inserido.

Com base nesses elementos, a dissertação procurou responder à problemática sobre a rememoração da vida operária na periferia de São Paulo. E, ainda, se esta rememoração possui elementos que estariam presentes em outros lugares do mundo, tornando-a, assim, universal.

Os artigos e a fortuna crítica neste trabalho, o livro traz elementos que estão presentes ao redor do mundo. O desemprego, as dificuldades numa grande cidade, o trabalho nas grandes fábricas, as incertezas etc. Ao rememorar tudo isso, Jatobá discute problemas da urbanização, além do crescimento caótico e desordenado da metrópole paulistana.

Se na década de 1920 a cidade teve uma forte presença do imigrante europeu, na década de 1970 o migrante nordestino se torna o principal artífice deste novo processo. Em comum, há a necessidade de trabalhar; a busca por melhores condições de vida; e a oportunidade de crescimento. Divergindo-se disso, temos o período histórico, que é diferente; o estabelecimento cultural em uma localidade; a organização social; e o local onde ocorria o trabalho.

No caso do migrante, mesmo adentrado na cidade, ainda se tem um vazio, a ausência de união. Com isso, uma despedida constante é estabelecida. Aqueles que permanecem no local de origem ficam com um adeus doloroso, seja dos seus amores, das suas ilusões ou dos seus desejos. Nesse contexto, o trabalhador continua a ser impedido de se realizar e de se reconhecer naquilo que realiza. As ameaças constantes da burguesia se apresentam aqui como em qualquer outro lugar do mundo. A obra, portanto, dialoga com questões universais à classe operária.

Se anteriormente havia uma caracterização acerca do imigrante italiano, o migrante nordestino precisa se descaracterizar para adentrar nas dinâmicas da cidade. Há, agora, em Jatobá, uma sujeição do migrante para com as relações na cidade, pois caso não se sujeite, este poderá comprometer a sua existência. Portanto, uma consolidação do modo de produção capitalista e sua hegemonia sem a personificação por meio do senhor de engenho, mas sim, de empresas e corporações que utilizam de sua força e repressão para com os trabalhadores.

Crônicas da Vida Operária é, enfim, um clássico que precisa ser mais estudado e compreendido, ainda que tenha sido resgatado recentemente do limbo literário que escanteia obras instigantes. Nesse sentido, nossa dissertação contribuiu com a fortuna crítica e pretende servir como estímulo ao debate sobre a literatura proletária desenvolvida no Brasil.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Flávio. Uma obra singular e plural *In*: JATOBÁ, Roniwalter. **Crônicas da Vida Operária**. Lazuli: São Paulo, 2006. p. 74-78.
- ADORNO, Theodor. **Notas de Literatura I**. São Paulo: Editora 34, 2012.
- AMADO, Jorge. **Cacau**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- ARANTES, Paulo. **Sentimento da Dialética**. São Paulo: Paz & Terra, 1992.
- BARBARA, Cibele. A verdade ou o testemunho. **Stylus**, Rio de Janeiro, n. 29, p. 87-97, nov. 2014. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-157X2014000200009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 26 jun., 2023.
- BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994.
- CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975.
- CARDOSO, Adalberto. **A construção da sociedade do trabalho no Brasil: Uma investigação sobre a persistência secular das desigualdades**. Rio de Janeiro: FGV, 2019.
- CHAVES, Wanderson da Silva; CATTAL, Júlio Barnez Pignata. “Transição política” e ditadura no Brasil: os anos 1970 e seus agendamentos políticos e intelectuais. **Revista Brasileira de História**, v. 39, n. 82, p. 199–219, set. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/Z9wfZBDWXttrRswHY9SXxHS/#>. Acesso em: 26 set. 2023.
- CORTÁZAR, Julio. **Valise de Cronópio**. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- COSTA, Marcelo; SILVA, Sergio Luiz. A memória social da capoeira: História e narrativas. **Estudos de Sociologia**, v. 25, n. 49, 2020. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/13129>. Acesso em: 26 set. 2023.
- COUTINHO, Dolores Pereira Ribeiro; CASTILHO, Maria Augusta de. Fundo de greve: experiência de solidariedade e resistência de homens e mulheres metalúrgicos no ABCD paulista, nos anos 1970-1980. **Revista NUPEM**, v. 10, n. 19, p. 109-123, 2018.
- CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. Sumaré: Martin Claret, 2002.
- CUNHA, Marcio Cotrim. Sociedade e cultura nos anos 1970: esvaziamento cultural e experimentalismo. **dObra[s] – Revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda**, [S. l.], v. 3, n. 5, p. 81–91, 2009. Disponível em: <https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/313>. Acesso em: 26 set. 2023.
- DECCA, Edgar. **O Nascimento das Fábricas**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo de. **Indústria, Trabalho e Cotidiano: Brasil – 1889 a 1930**. São Paulo: Atual, 1991.

EDITORES DA ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL (Brasil) (ed.). **Arnaldo Xavier**. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa641536/arnaldo-xavier>. Acesso em: 25 set. 2023.

FANINI, Angela Maria Rubel; FERRON, Janete Terezinha. Entrevista com Roniwalter Jatobá. **Scripta Uniandrade**, Curitiba, v. 20, n. 1, p. 178–184, 2022. Disponível em: <https://revista.uniandrade.br/index.php/ScriptaUniandrade/article/view/2644>. Acesso em: 25 set. 2023.

FERREIRA, Aline Cristina. **Literatura e sociedade nos escritos dos anos 1930 de Georg Lukács**. 2019. 172 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Sociologia, Faculdade de Ciências Sociais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/items/7d5f459d-f207-4ffe-9cf8-4b79a8b14e7b>. Acesso em: 26 set. 2023.

FONTES, Edilza. O peão de trecho e o peão de casa: identidade operária entre os trabalhadores da construção civil de Barcarena no canteiro de obras da ALBRAS/ALUNORTE. **Novos Cadernos NAEA**, [S.l.], v. 6, n. 1, dez. 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/view/83>. Acesso em: 26 set. 2023.

FREDERICO, Celso. A Sociologia do Romance de Lucien Goldmann. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 19, n. 54, p. 429–446, maio 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/9qr5RZx6QtDWygVd9dkS5tq/#>. Acesso em: 25 set. 2023.

GENTILE, Fábio; GENTILE, Fabio; VIEIRA, Vera Lucia. **Ditadura e violência institucional**. São Paulo: Educ, 2019.

GOLDMANN, Lucien. **A Criação da Cultura na Sociedade Moderna**. São Paulo: Difusão Europeia, 1972.

GUARNIERI, Gianfrancesco. **Eles Não Usam Black-tie**. São Paulo: José Olympio, 2021.

GUIMARÃES, Bernardo. **O Garimpeiro**. Porto Alegre: Simplíssimo, 2015.

JATOBÁ, Roniwalter. **Crônicas de Vida Operária**. São Paulo: Lazuli, 2006.

KONDER, Leandro. **A democracia e os comunistas no Brasil**. São Paulo: Graal, 1980.

KONDER, Leandro. **Os Marxistas e a Arte**. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

LITTLE, Paul E. Espaço, memória e migração. Por uma teoria de reterritorialização. **Textos de História: Revista do Programa de Pós-graduação em História da UnB**. Brasília, v. 2, n. 4, p. 5-25, 1994. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/textos/article/view/27706>. Acesso em: 26 set. 2023.

JATOBÁ, Roniwalter. Roniwalter Jatobá: escrevo sobre o que sou. Entrevista concedida a Carlos Herculano Lopes. **Site Vermelho**. 14 set. 2014. Disponível em: <https://www.vermelho.org.br/2012/09/14/roniwalter-jatoba-caminhos-do-sonho/>. Acesso em: 26 set. 2023.

LUKÁCS, Georg. **Introdução a uma Estética Marxista**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

LUZ, Alex Faverzani da; SANTIN, Janaína Rigo. As relações de trabalho e sua regulamentação no Brasil a partir da revolução de 1930. **História (São Paulo)**, v. 29, p. 268-278, dez. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/his/a/LXDGpSzFJkdChnYwq8bdkkL/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 26 set. 2023.

MACHADO, Antônio de Alcântara. **Brás, Bexiga e Barra Funda**. São Paulo: Lazuli, 2005.

MACHADO, Dyonelio. **Os ratos**. São Paulo: Todavia, 2022.

MACIEL, Carolina Pina Rodrigues. Literatura de testemunho: leituras comparadas de Primo Levi, Anne Frank, Immaculée Ilibagiza e Michel Laub. **Opiniões**, São Paulo, v. 5, n. 9, p. 74-80, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/124618>. Acesso em: 26 set. 2023.

MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã (Feuerbach)**. São Paulo: Ciências Humanas, 1982.

MARX, Karl. **O Capital**. 3ª edição, São Paulo: Nova Cultural, 1988.

MEDINA, Ettore Dias. **Vozes de trabalhadores na ditadura civil-militar: ensaios sobre literatura, memória e testemunho**. 2014.

MÉSZÁROS, István. **A teoria da alienação em Marx**. São Paulo: Boitempo, 2006.

MORAIS, Fernando. Operários no Prêmio das Américas, em Cuba. In: JATOBÁ, Roniwalter. **No chão da fábrica: contos e novelas**. Nova Alexandria. São Paulo, 2016. p. 246-248.

MOURA, Allan Cavalcanti de. **Lugares políticos de Antônio de Alcântara Machado: a integração do imigrante italiano em Brás, Bexiga e Barra Funda (1924-1927)**. 2018. 199 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/1127030>. Acesso em: 26 set. 2023.

NASCIMENTO, Luciana Marino; CADIOLLI, Sandra Teresa. São Paulo para além dos frementes anos 20: imagens da cidade em Alcântara Machado. **Anthesis**, São Paulo, v. 3, n. 5, p. 90- 101, 2014. Disponível em:

<https://www.usp.br/bibliografia/modernismo/artigos.php?ex=5894>. Acesso em: 26 set. 2023.

OLÍMPIO, Domingos. **Luzia-Homem**. São Paulo: Escala, 2007.

PETRONE, Maria. **O imigrante e a pequena propriedade (1824-1930)**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

PROTETTI, Fernando Henrique. A burocracia na sociologia da dominação de Max Weber: contribuições à pesquisa educacional. **Em Tese**, Florianópolis, v. 18, n. 1, p. 253-277, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/74264>. Acesso em: 26 set. 2023.

QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze**. São Paulo: José Olympio, 2012.

RAMOS, Graciliano. **Angústia**. São Paulo: Record, 2020.

RUFFATO Luiz. Roniwalter Jatobá e a literatura proletária. In: JATOBÁ, Roniwalter p. 193-197. **Contos ontológicos de Roniwalter Jatobá**. São Paulo: Nova Alexandria, 2009.p. 13-17.

SIGNIFICADO do nome. [2023]. Disponível em: <https://www.fetalmed.net/ferramentas/significado-de-nomes/nome/natanael/>. Acesso em: 25 jun. 2023.

SOUZA, Renato Dias de. **As representações do nacionalismo em Lima Barreto**. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.

SOUZA LIMA, Rodolfo de. AS DIMENSÕES DA CRISE ESTRUTURAL DO CAPITAL: O CASO DA CONTRARREFORMA AGRÁRIA DE MERCADO NO BRASIL (1995-2017). **PEGADA-A Revista da Geografia do Trabalho**, v. 18, n. 2, 2017. Disponível em:

TELLES, Vera da Silva. Movimentos sociais. Reflexões sobre a experiência dos anos 70. In: SCHERER-WARREN; KRISCHKE, Paulo J. (org.) **Uma revolução no cotidiano? Os novos movimentos sociais na América do Sul**. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 54-85.

TRONCA, Ítalo. **Revolução de 30: Dominação Oculta**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

VIANA, Nildo. Alienação como relação social. **Revista Sapiência: Sociedade, Saberes e Práticas Educacionais**, Iporá-GO, v. 1, n. 2 jul./dez 2012. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/sapiencia/article/view/2686>. Acesso em: 26 set. 2023.

VIANA, Nildo. O significado histórico da classe burocrática. **Revista Enfrentamento**, v. 13, n. 23, 2018. Disponível em: <https://redelp.net/index.php/renf/article/view/483>. Acesso em: 26 set. 2023.

VIANA, Nildo. **Desemprego e Acumulação Integral: O Lumpemproletariado no Capitalismo Contemporâneo**. Goiânia: Edições Enfrentamento, 2020.

VIANA, Nildo. **Capitalismo na Era da Acumulação Integral**. São Paulo: Ideias & Letras, 2009.

VIANA, Nildo. **Memória e sociedade**: a luta pela rememoração. Goiânia: Edições Enfrentamento, 2020.

VIANA, Nildo. **Os valores na sociedade moderna**. Brasília: Thesaurus, 2007.

WEBER, Max. **Metodologias das ciências sociais**. São Paulo: Cortez, 2022.